



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

O TRAÇO DO PEABIRU

RASTROS DESVELADOS EM PAISAGENS PAULISTANAS

BEATRIZ FERREIRA SACAGNI

SÃO PAULO

2021

O Traço do Peabiru

rastros desvelados em paisagens paulistanas

Beatriz Ferreira Sacagni

O Traço do Peabiru

rastros desvelados em paisagens paulistanas

*As mulheres da minha vida:
Amalia, minha mãe e Nathalia, minha irmã*

Trabalho Final de Grauação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU USP

Orientador _ Profº Drº Eugenio Fernandes Queiroga

Co-orientadora _ Profª Drª Renata Maria de Almeida Martins

SÃO PAULO
2021

Agradecimentos

Aos meus pais por todo o encorajamento e apoio dado aos meus estudos, por toda a disposição e os esforços feitos para viabilizar a minha trajetória acadêmica, apesar de todas as dificuldades. À minha irmã mais velha, meu grande exemplo de força, a quem admiro imensamente.

Ao querido professor Eugenio, que me orientou em pesquisas, disciplinas, e agora tem me guiado nessa última empreitada na graduação. Por ter me ensinado maneiras sensíveis de observação e composição da paisagem. Pelas rodas de conversas que ultrapassavam as dimensões acadêmicas e que enriqueceram muito minhas experiências na FAU.

À querida professora Renata, por impulsionar um momento que considero histórico na faculdade de arquitetura, abrindo diálogos e discussões que incluem visões artísticas e arquitetônicas decoloniais, não ocidentais e indígenas. Por também me orientar durante as pesquisas arqueológicas e me apresentar referências extremamente enriquecedoras.

Aos meus amigos Ana, João, Graziela, Monalisa, Giovanni, Luc, Thiago, Leonardo e Sandro, futuros arquitetos/ urbanistas/ paisagistas/ designers, que estiveram ao meu lado em diversos momentos da graduação, sempre apoiando e complementando minhas vivências acadêmicas.

Ao meu amado companheiro Vitor, que me incentiva e me inspira sempre a ir além. Por tudo o que avia nos proporcionou juntos, e por tudo o que ainda iremos viver. Por todas as palavras de afeto ditas todos os dias.

Ao meu amado sobrinho Júlio, que apesar ter apenas 2 anos de idade, já me proporcionou alegrias para a vida inteira. Que seu caminho seja brilhante e seu futuro seja maravilhoso.

Em memória a todas as pessoas indígenas que, direta ou indiretamente, foram afetadas pela pandemia da Covid-19, e pelo abandono dos órgãos públicos.

RESUMO

“Se somos territórios flutuantes, dentro de nós há muita arqueologia.”
Xadalu, 2021.

O desenvolvimento acelerado, a industrialização e a ação de processos de miscigenação da população paulistana impulsionaram na cidade de São Paulo um acentuado apagamento da história e das memórias mais antigas, tendo como principais responsáveis, os textos que retratam o território unicamente a partir da presença europeia, sendo a história indígena ainda muito pouco contemplada pelos estudos da urbanização. Partindo dessa visão, a narrativa do Peabiru (na língua tupi, “pe” – caminho; “abiru” - gramado amassado), caminhos indígenas que atravessam a porção sul do continente americano, conectando o Oceano Pacífico ao Oceano Atlântico por terra, foi muito afetada por esse apagamento. Esse trabalho pretende, a partir da investigação dos caminhos “urbanos” do Peabiru na capital paulista, através da reunião de fontes bibliográficas e iconográficas diversas, colaborar com as pesquisas mais atualizadas sobre o território de São Paulo e sua paisagem cultural, contribuindo para um melhor conhecimento de suas camadas históricas mais profundas. Pretendemos, assim, levantar e entrecruzar resultados de trabalhos realizados nos campos da história da cidade, geografia e arqueologia urbanas, antropologia e cultura material, sobre o Peabiru e temas correlatos, de forma a reunir elementos que colaborem com a reconstituição dos processos de permanências e rupturas experimentados pela cidade de São Paulo em um período de longa duração, bem como, embasar projetos propositivos de demarcação espacial desses caminhos através de espaços livres públicos, evocando a memória e revelando a presença de elementos da cultura dos povos originários.

PALAVRAS-CHAVE: Peabiru, caminhos indígenas, arqueologia urbana, paisagem cultural, espaços livres públicos.

ABSTRACT

The accelerated development, industrialization and the action of miscegenation processes of the São Paulo population led to a sharp erasure of history and older memories in the city of São Paulo, with texts that portray the territory solely based on the European presence as the main culprits, with indigenous history still very little covered in urbanization studies. Based on this view, the narrative of Peabiru (in the Tupi language, "pe" - path; "abiru" - crushed lawn), indigenous paths that cross the southern portion of the American continent, connecting the Pacific Ocean to the Atlantic Ocean by land, was very affected by this erasing process. This work intends, from the investigation of the "urban" paths of Peabiru in the capital of São Paulo, through the gathering of different bibliographic and iconographic sources, to collaborate with the most up-to-date research on the territory of São Paulo and its cultural landscape, contributing to a better knowledge of its deepest historical layers. We intend, therefore, to raise and cross-reference results of works carried out in the fields of city history, geography and urban archeology, anthropology and material culture, on Peabiru and related themes, in order to bring together elements that collaborate with the reconstitution of the processes of permanence and ruptures experienced by the city of São Paulo over a long period, as well as supporting propositional projects for the spatial demarcation of these paths through public open spaces, evoking memory and revealing the presence of cultural elements of the original peoples.

KEY-WORDS: Peabiru, indigenous path, urban archeology, cultural landscape, public open spaces

Introdução ..	14
Objetivos ..	20
Justificativa ..	22
Materiais e Métodos ..	24
Resultado ..	28
A história da presença indígena no território do estado de São Paulo ..	28
O traço indígena ..	35
Os caminhos: achados arqueológicos e possíveis registros de comportamentos dos caminhos que perpassam São Paulo ..	38
Qhapaq Ñan – Os caminhos Inca e o encontro com os Peabiru ..	42
O testemunho do corpo ..	46
eixo Rua Direita - Praça Antônio Sabino ..	48
eixo Parque do Povo - Ladeira do Ouvidor ..	60
eixo Rua Heitor Penteado – Avenida Brigadeiro Luís Antônio ..	72
eixo Oratório - Itapiji ..	80
eixo Avenida Dom Pedro I - Luz ..	88
O rastro da serpente ..	100
O Projeto ..	101
Rua dos Tupiniquins ..	102
Caminho do Vale ..	110
Praça Peabiru ..	116
Considerações finais ..	126

INTRODUÇÃO

Em diferentes lugares do mundo, nos afastamos de uma maneira tão radical dos lugares de origem que o trânsito dos povos já nem é percebido. (KRENAK, 2021, p.43)

O desenvolvimento acelerado, a industrialização e a ação de processos de miscigenação da população paulistana impulsionaram na cidade de São Paulo um acentuado apagamento da história e memórias mais antigas, tendo como principais responsáveis, os textos que retratam o território unicamente a partir da presença europeia, sendo a história indígena ainda muito pouco contemplada pelos estudos da urbanização. Diversos aspectos da cultura material e imaterial dos povos originários vem sendo afetados por esse processo de apagamento. Dentro dessa lógica se encontra um importante elemento dessas culturas, o Peabiru (na língua tupi, "pe" – caminho; "abiru" - gramado amassado).

A partir de relatos escritos por colonizadores espanhóis e portugueses, o Peabiru pode ser descrito como um conjunto de caminhos indígenas que atravessam a porção sul do continente americano, possibilitando a ligação entre o Oceano Pacífico e o Oceano Atlântico por terra e, portanto, a ligação e interlocução entre diferentes povos tupi-guarani costeiros e interioranos. (HOLANDA, 2000)

O Peabiru é composto por três ramais principais partindo de diferentes pontos do litoral sudeste e sul do Brasil, que hoje correspondem aproximadamente as cidades de São Vicente e Cananéia, em São Paulo,

e localidades no Estado de Santa Catarina. Essas localidades apresentam características semelhantes durante o processo de ocupação colonial precoce, bem como, em relação as maiores concentrações de núcleos pré-históricos indígenas do litoral brasileiro, os sambaquis. (GONÇALVES, 1998).

Com base nos percursos levantados, concluiu-se que estes caminhos foram traçados por povos nativos, utilizando-se do relevo e vegetação para facilitar e manter o percurso, com fins de busca por alimentos, migrações periódicas, expansão das aldeias e guerras. As interações entre povos tupis por finalidade de guerra eram constantes e possuíam um significado desconhecido aos exploradores europeus (relatores críticos e assustados com o modo "primitivo" e violento de conflito), uma vez que se tratava de um processo muito complexo e sem propósito aparente, mas que, no entanto, reforçava os caminhos de conexão entre aldeias, mantendo determinadas relações de aprisionamento e interdependência, além de agregar honra.

Assim, se a execução era promessa de imortalidade ao matador, para a vítima era passaporte e bilhete para uma "terra-sem-mal". (FAUSTO, 1992, p.392)

No período da colonização no século XVI, a capitania de São Vicente utilizou largamente da escravidão de indígenas capturados em expedições de apresamento e perseguição, de maneira também a percorrer e conhecer os caminhos traçados pelos nativos.

É neste contexto que a Trilha dos Tupiniquins, juntamente com a Serra do Mar – ambas ramificações do Peabiru – compõem a conexão entre o litoral e o interior de São Paulo.

A chegada de europeus ao planalto paulista é resultante do esgotamento da produção agrícola da região hoje denominada Baixada Santista, a isto se soma os constantes ataques indígenas e de piratas aumentando a insegurança no povoamento local. Através de trilhas já traçadas pelos indígenas os europeus atravessaram a Serra do Mar, passando por uma tentativa de povoamento em Santo André da Borda do Campo, que também sofreu com os ataques indígenas, provocando uma nova mudança.

Já nesse período sabia-se que o planalto paulista apresentava um dos maiores contingentes demográficos indígenas, tornando a região não só um atrativo no que se refere ao “potencial” de almas a serem salvas, mas também na percepção por parte dos religiosos em observar a importância estratégica das futuras expansões rumo ao interior. (PETRONE, 1995, apud NISHIDA, 2009, p.67)

Portanto, a apropriação europeia desses caminhos deu-se por consequência da perseguição e captura de indígenas, e posteriormente, da ressignificação do caminho – que passou a ser denominado como Caminho de São Tomé, pelos jesuítas – como rota de escoamento de produtos do sertão ao litoral da região, bem como conexão entre as colônias espanholas e portuguesas na América do Sul.

As trilhas que desde o início, permitiram o contato entre os grupo indígenas passaram então, a ser o contato entre o europeu e o indígena. As trilhas representavam agora, o vislumbre jesuíta da propagação da fé cristã e o vislumbre dos bandeirantes da

escravidão indígena, num futuro próximo. (NISHIDA, 2009, p.67)

A investigação dos caminhos “urbanos” do Peabiru na capital, a partir da reunião de fontes bibliográficas e iconográficas diversas, colabora com o conhecimento sobre o território paulistano e sua paisagem cultural, contribuindo para uma melhor compreensão de suas camadas históricas mais profundas. Dessa forma, levantar e entrecruzar discussões e resultados de trabalhos realizados nos campos da história da cidade, da geografia e arqueologia urbanas, da antropologia e da cultura material, sobre o Peabiru e temas correlatos, permite reunir elementos que colaborem com a reconstituição dos processos de permanências e rupturas experimentados pela cidade de São Paulo em um período de longa duração.

A pesquisa então desdobra-se em ensaios projetuais em locais expressivos do Peabiru na cidade de São Paulo – Vale do Anhangabaú e Ibirapuera – e lugares do cotidiano de bairros mais residenciais – Oratório-ZL – buscando trazer para o presente/futuro a memória dos caminhos, testemunhos do forte intercâmbio cultural e econômico dos povos originários do continente, que mesmo depois de séculos de colonização, opressão e extermínio, continuam habitando e resistindo na cidade, no município, na metrópole e no estado de São Paulo.

No entanto, os ensaios projetuais não se colocam, evidentemente, como projetos finais para os locais, mas como provocação e desejo de um

futuro onde possamos não apenas lembrar dos indígenas, mas com eles construirmos uma cidade e um país mais unido do ponto de vista social, econômico e ambiental, considerando sua heterogeneidade.

OBJETIVOS

Esse trabalho pretende apontar bases fundamentais que possibilitem reconstituir a memória da presença humana pré-contato com os europeus no que hoje é conhecido como a cidade de São Paulo, de modo a estimular uma melhor interpretação da história do território, considerando todos os seus atores, a partir da experiência indígena.

Consolidadas essas bases, almeja-se reatribuir a esta paisagem já tão densamente urbanizada, características sensíveis que dela foram sobrepostas e endurecidas, provocando o observador contemporâneo, atento ou não, a relacionar sua consciência de estado de presença como parte de um vasto aglomerado de presenças assíncronas que, direta ou indiretamente, influenciam os caminhos por onde passam.

Contando com a reunião de fontes bibliográficas e iconográficas acerca dos caminhos do Peabiru na cidade de São Paulo, tendo em vista a reconstituição de camadas históricas ligadas ao período pré-contato, bem como com o levantamento de fontes sobre a arqueologia histórica e urbana da cidade de São Paulo, pretende-se reunir fontes sobre os estudos de cultura material da cidade de São Paulo, bem como a utilização dos caminhos como rotas de escambo e comercialização de objetos indígenas.

Como síntese das pesquisas e discussões, pretende-se elaborar um sistema de projetos de espaços livres públicos ao longo dos caminhos, que possa contemplar os anseios e as considerações finais da pesquisa,

incentivando a provação à cerca da demarcação indígena em território paulista.

JUSTIFICATIVA

Quando pergunto se somos mesmo uma humanidade é uma oportunidade de refletirmos sobre a sua atual configuração. Se ela convoca nossas redes e conexões desde a Antiguidade. Se a contribuição que aquele pessoal nas cavernas deu ao inconsciente coletivo – esse oceano que nunca se esgota – se liga com os nossos terminais aqui, nessa era distante. Se, em vez de olharmos nossos ancestrais como aqueles que já estavam aqui há muito tempo, invertermos o binóculo, seremos percebidos pelo olhar deles. (KRENAK, 2020, p.33)

Nos diversos campos da arquitetura e do urbanismo tem-se exercido com significativa frequência a busca por interpretações alternativas que, em algum nível, divergem ou até se chocam com alguns conceitos e tratados ocidentais tidos como consagrados.

Sendo assim, como arquiteta latino-americana, pretendo trazer à tona questionamentos e perspectivas decoloniais sobre a história da América Latina, especificamente da cidade de São Paulo, sendo essencial escavar as camadas de um passado histórico aterrado por séculos de colonização e apropriação indevida dos territórios, dos povos e das culturas nativas. Neste sentido, a produção de intelectuais, artistas e ativistas, de diversas culturas indígenas, que nos falam de re-existências, também são de suma importância.

A rememoração da história, a reinterpretiação dos fatos e o reconhecimento da importância dos povos originais são ferramentas sensíveis à real formação do nosso território, e possibilitam uma visão

mais complexa e atenta aos diferentes fatores que o compõem.

No caso do estudo da cidade de São Paulo, a história do território é concentrada em seu passado colonial cravado nas edificações tombadas no centro, afinal, foi a vila – transformada em cidade – de São Paulo a primeira demarcação urbana na região. Porém, o exercício de analisar e refletir sobre o passado possibilita entender as presenças assíncronas e suas marcas deixadas numa paisagem em constante transformação urbana.

Por fim, a justificativa para a realização dessa pesquisa, ampara-se na premissa de que precisamos também buscar no passado indígena, assim como nas re-existências contemporâneas dessa ancestralidade, as respostas e alternativas aos questionamentos e conflitos do presente, de modo a contextualizar neste grande “sítio arqueológico urbano” que é a cidade de São Paulo, as marcas e consequências das relações que implicaram na configuração atual da sociedade e da paisagem cultural paulista.

MATERIAIS E MÉTODOS

Uma proposta de pesquisa sobre os caminhos urbanos do Peabiru, como parte das primeiras camadas históricas antrópicas da cidade de São Paulo, é um desafio que se conecta aos estudos de “arqueologia da paisagem”, e ao conceito de “rugosidades” de Milton Santos, “(...) definido como acumulação desigual de tempos: à medida que a ação de um sistema histórico anterior deixa resíduos, as localizações são historicamente determinadas pelas combinações de variáveis novas e antigas” (BUENO et al., 2021, p.5). Porém, como no estudo de caso sobre os caminhos do Viamão:

Não se trata apenas de uma superposição no tempo, pois a cada momento os elementos que entram na combinação têm diferentes idades (...) Nesse sentido, seu caráter, memória viva de um passado já morto, transforma a paisagem em precioso instrumento de trabalho, pois essa imagem imobilizada permite, de uma vez por todas, rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto (BUENO et al., 2021, p. 5)

Baseadas nessas premissas, foi realizado um levantamento de informações e trabalhos de diversas áreas de conhecimento que abordassem a presença indígena no território da atual cidade de São Paulo, para investigar aspectos da arqueologia urbana. Buscou-se através das fontes bibliográficas e iconográficas reunidas, analisar as características espaciais que podem ter gerado marcas resistentes à passagem do tempo, apropriadas pelo desenvolvimento da cidade – como por exemplo, a ressignificação de rotas indígenas como avenidas conhecidas hoje na cidade de São Paulo.

A fim de estruturar o desenvolvimento deste trabalho, foram definidas três frentes de pesquisa:

História dos povos indígenas antes e durante o contato com os europeus no território atual da cidade São Paulo;

História espacial e social dos caminhos urbanos do Peabiru na atual cidade de São Paulo;

Estudos sobre os sítios arqueológicos urbanos da cidade de São Paulo.

O material contemplado no levantamento bibliográfico envolveu teses publicadas da arqueologia urbana, como as de Paulo Zanettini (2005), pesquisas sobre cultura material, e de cartografia histórica e arqueologia da paisagem, como aqueles do recente Dossier do Anais do Museu Paulista, organizado por Bueno e colaboradores (2021). Foram também consultados estudos teóricos, antropológicos, arqueológicos e históricos fundamentais, como os de Sérgio Buarque de Holanda (2000), Milton Santos (2012), John Monteiro (1995), Manuela Carneiro da Cunha (2020), Eduardo Neves (2020), bem como publicações de pesquisas mais recentes, como as de José Carlos Vilardaga, (2017) e ainda aquelas advindas da produção de trabalhos de graduação, mestrados e doutorados nas diversas áreas mencionadas anteriormente, para fomentar as discussões e

encorpar o referencial teórico.

A metodologia empregada nesse levantamento poderia ser definida da seguinte forma:

Numa espécie de geografia retrospectiva, o método consiste em desvelar paisagens pretéritas representadas na cartografia, entendendo-as como configurações territoriais de um conjunto de elementos naturais e antrópicos. Como tal, configura-se como uma espécie de palimpsesto em que, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. (BUENO et al., 2021, p. 5)

Complementar aos levantamentos bibliográficos, foram realizadas duas etapas de trabalho predecessoras à confecção de propostas de intervenção no espaço urbano. A primeira envolveu a transformação de informações textuais sobre a posição dos caminhos do Peabiru na cidade de São Paulo para bases cartográficas. Para isso foram utilizados os softwares QGIS e Google Earth, somadas de bases cartográficas da plataforma GeoSampa da Prefeitura da cidade de São Paulo, sendo delimitados os caminhos sobre a malha urbana atual a partir da descrição contida nos trabalhos. Também foram produzidos perfis topográficos desse trajeto para observação de possíveis condições da geomorfologia ou presença de elementos naturais (presentes ou suprimidos) que condicionavam inicialmente os trajetos.

Em um segundo momento, foram realizadas atividades de campo,

percorrendo os caminhos a pé, de modo a possibilitar o seu registro fotográfico detalhado, a confirmação de hipóteses e discussões iniciais construídas nas etapas anteriores, assim como a adição de novas informações a partir da percepção sensorial (corporal e visual) de variações nas características morfológicas do terreno, de uso e ocupação atual e outras informações que pudesse indicar fragmentos da complexa sobreposição de tempos, escolhas e pontos de vista consolidadas. Essa etapa permitiu a seleção de áreas livres na cidade para a confecção de propostas de intervenção.

A última etapa do trabalho consistiu na junção de todo o material levantado e produzido, análises e discussões feitas, na forma de propostas de intervenção em áreas livres na cidade de São Paulo. Esse processo envolveu tanto a compilação dos levantamentos detalhados acima, como a confecção plantas, cortes e perspectivas que ilustrassem as propostas. Para isso foram utilizados os softwares AutoCad, PhotoShop e Illustrator, auxiliados de bases da prefeitura de São Paulo (GeoSampa e site da prefeitura – projeto do Vale do Anhangabaú).

A história da presença indígena no território do estado de São Paulo.

Segundo o professor Fausto, ao chegarem no Brasil, os colonizadores registraram a presença dos Guarani, que ocupavam a bacia do Paraná-Paraguai e o litoral, desde a Lagoa dos Patos até Cananéia, nos atuais estados do Rio Grande do Sul a São Paulo (FAUSTO, 1992)

No entanto, modelos de dispersão, baseados em achados arqueológicos e datações isotópicas, sugerem fluxos migratórios intensos na costa do país. Destes fluxos, haveriam rotas guarani e tupinambá. (BROCHADO, 1984; MÉTRAUX, 1927)

Ao período que se caracteriza pelo contato entre povos indígenas e europeus portugueses, a configuração espacial se modificou trazendo consigo uma forma de distribuição populacional baseada nos princípios mercantis colonialistas, delegando aos jesuítas e imigrantes donatários das capitâncias a administração do território. Sendo assim, diversos povos foram forçadamente rearranjados, mesclados e unificados à maneira dos administradores e catequizadores, visando a administração colonial do espaço e da população. Como resultado desse processo, houve trocas, casamentos e misturas entre as diferentes culturas indígenas.

Com a inserção dos europeus no território paulista, é inevitável a imediata transformação e interferência que estes exercem de maneira

indireta e, principalmente, direta no local. Em seu importante livro "Negros da Terra" (1995), o antropólogo John Manuel Monteiro aponta as relações estabelecidas e a maneira como se deram entre os nativos e os colonizadores.

Ao longo do século XVII, as atividades econômicas dos colonos na região de São Paulo assentaram-se numa ampla e sólida base de escravos índios, aprisionados nas frequentes expedições paulistas no sertão. Um fluxo constante de novos índios, que atingiu o seu auge no meio do século, abasteceu as fazendas e sítios da região planáltica, ao mesmo tempo proporcionando mão-de-obra excedentes, que se empregava sobretudo no transporte de produtos locais destinados ao mercado litorâneo. Essa relação essencial entre mão-de-obra abundante e agricultura comercial definiu os contornos da sociedade paulista no século XVII e, concomitantemente, integrou São Paulo aos quadros da economia colonial. (MONTEIRO, 1995, p.110)

Em um sistema econômico baseado na colonização de exploração, no sudeste do território brasileiro era necessário雇用 e acompanhar os avanços comerciais alcançados no nordeste do país, portanto, a instalação de colônias deveria ser aplicada e adaptada à região.

Na cidade de São Paulo, era necessário aos colonos adaptarem-se à grande presença de indígenas e a falta de negros escravizados, bem como para uma vegetação fechada e um terreno muito acidentado. Tais características territoriais se tornaram problemáticas aos colonizadores, mas que foram superadas ou até mesmo apropriadas e ressignificadas.

Segundo John Monteiro, a aproximação entre europeus e indígenas deu-se através da utilização dos caminhos pré-existentes, utilizados pelos nativos como rotas de fuga, e que foram apropriados pelos europeus como rotas de entrada ao interior do país. Assim, eram realizadas expedições guiadas por índios “cativos” com a finalidade de localizar, sequestrar e escravizar mais e mais povos indígenas.

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher seus habitantes originais – sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros –, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza. (KRENAK, 2021, p.41)

Por diversos relatos à coroa portuguesa, vê-se a dificuldade dos europeus e dependência que estes possuíam dos nativos para penetrar o território, bem como, para ocupá-lo.

Como se buscavam cativos em locais nunca antes explorados pelos brancos, a participação ativa de índios nas expedições tornou-se cada vez mais essencial. Para os colonos, expostos a febres, feras e índios desconhecidos, sua sobrevivência dependia do conhecimento que os índios tinham do sertão. (...)

Com uma pequena produção agrícola, baseada no trabalho indígena, estas novas vilas abasteciam as expedições que por ali passavam, servindo também de ponto de partida para novas viagens de índios no sertão. (MONTEIRO, 1995, p.47, p.56)

As longas e complexas rotas apresentavam dificuldades e até mesmo casualidades de morte tanto de sertanistas quanto de cativos, demonstrando o alto risco e alto custo apresentado pelo processo mercantil adotado. (MONTEIRO, 1995). Porém, o que se tem é o estabelecimento e a consolidação de um sistema colonial amplo e completamente baseado na escravidão dos indígenas, articulando um comércio entre a cidade de São Paulo e o litoral, e resultando num avanço econômico para a região.

No que tange à implementação da escravidão no Sudeste, as relações dadas entre colonizadores e indígenas diferenciou-se do modelo aplicado no Nordeste, com a escravidão africana, conforme destaca Monteiro:

Durante o século XVII em São Paulo, conforme vimos nos capítulos anteriores, a escravidão indígena desenvolveu-se a partir dos mesmos princípios de exploração econômica que a escravidão negra no litoral. Entretanto, em vista das restrições morais e legais ao cativeiro dos índios, os paulistas desde cedo procuraram - com maior insistência que sua contrapartida baiana ou pernambucana - racionalizar e justificar o domínio sobre seus cativos. (MONTEIRO, 1995, p.130)

Apesar das distinções morais que acabaram por velar a escravidão indígena – mascarada por um processo de catequização e inserção dos nativos ao modelo civilizatório europeu – e justificar a escravidão africana, ambos os corpos foram atingidos pela desumanização e violência características do colonialismo. Segundo Monteiro, no caso do Sudeste,

os indivíduos escravizados eram forçados a exercer funções intensas e degradantes, como carregar mercadorias da vila ao litoral, por serem considerados mais eficientes e dispensáveis do que animais de carga.

Assim, a questão da escravidão indígena era muito mais complexa do que o mero debate moral em torno da legitimidade do cativeiro. De fato, a escravidão tocava no próprio centro nervoso do colonialismo português, onde as políticas públicas e os interesses privados conspiravam para produzir benefícios mútuos às custas dos povos ameríndios e africanos. (MONTEIRO, 1995, p.136)

Cabe mencionar que, assim como houve resistência por parte dos escravos africanos, há relatos de rebeliões e fugas constantes de indígenas, que também causaram assombro aos escravocratas locais.

Como resultado e marca espacial, o que se tem são as consequências da marginalização dos indígenas – assim como foi a dos negros africanos –, e o desenvolvimento de bairros pobres a partir de aldeamentos.

Apesar de não destacado no trabalho de Monteiro, há a possibilidade de que os caminhos retratados como rotas para expedições de aprisionamento, apropriados de caminhos conhecidos pelos cativos, fossem os caminhos do Peabiru, e as rotas que integravam os diferentes povos indígenas, bem como cita o professor José Vilardaga, ao retratar as rotas de trocas comerciais entre São Paulo e Paraguai na segunda metade do século XVII.

As possibilidades de uso e usufruto do caminho foram especialmente férteis nas primeiras décadas do século XVII; mas isso não significa que na segunda metade do século XVI, depois dos primeiros assentamentos coloniais luso-castelhanos terem se consolidado, e após 1630, com os ataques bandeirantes à região, o caminho não tinha sido também utilizado – pelo contrário, ele foi. (VILARDAGA, 2017, p.131)

O traço indígena

Aos povos indígenas se têm a identificação do ser humano como membro equivalente a todos os seres animais, vegetais e minerais, atuando no espaço cotidiano de maneira coletiva. Deste modo, o estabelecimento de relações de troca entre os diferentes seres do meio estabelece a afirmativa de que todos estes são potenciais transformadores do meio, e dele são transformados também.

As relações entre plantas e animais, inclusive humanos, são processos coevolutivos. A evolução, como a história, é aberta e se move em ritmos diferentes, sem direção. (NEVES, 2020, p.122)

Para a compreensão das relações dadas entre os diferentes indivíduos, é necessário sintetizar a distribuição populacional no meio físico da região estudada, ao longo da história antiga:

O planalto meridional é ocupado pelo menos desde o início do Holoceno. Segundo Silvia Copé (2015), sua história poderia ser dividida em cinco períodos: 1 - Ocupações indígenas de grupos caçadores-coletores a partir do Holoceno; 2 – Populações indígenas que construíram e ocuparam casas subterrâneas entre 800 e 1000 E.C. ; 3 – População indígena que ocuparam grandes aldeias sedentárias e construíram estruturas funerárias desde 1200 EC¹ até o início do período colonial; 4 – Grupos indígenas Kaingang, Xokleng e Guarani registrados histórica e etnograficamente, e 5 – Habitantes contemporâneos indígenas e não indígenas da região. (NEVES, 2020, p.116)

¹ A opção por Era Comum (EC) e Antes da Era Comum (AEC) busca evitar a referência religiosa do calendário cristão. [N.E.] (NEVES, 2020, p.116)

Dentro desta filosofia de relações, os seres humanos usufruem dos outros seres para a sua subsistência como cultivadores, domesticadores e coletores de espécies vegetais que os permitem inclusive a fabricação de utensílios, ferramentas, e a construção de suas moradias.

Com as extinções ocorridas na transição do Pleistoceno para o Holoceno, é provável que os povos indígenas tenham desempenhado o papel de dispersores de frutos de megafauna ao longo dos últimos 10 mil anos. (NEVES, 2020, p.120)

A ação humana no manejo da floresta alterou, além das características de algumas espécies como as descritas acima, a própria composição da floresta, resultando de uma longa sequência histórica que envolveu a criação de quintais e pomares, roçados, áreas de coleta e diversas outras formas de cultivo/domesticação da paisagem. (FURQUIM, 2020, p.125)

A pesquisadora Laura Furquim, ao retratar o caso da Amazônia, relata que os povos ameríndios do presente nos ensinam que é mais importante “produzir” parentesco do que bens e excedentes, ou ainda, que o que chamamos de “produção” de alimentos é na verdade um meio de relacionamento entre pessoas, plantas, animais e seres não humanos habitantes das matas, das roças e das aldeias. (FAUSTO, 2001; SMITH & FAUSTO, 2016; FURQUIM, 2020).

Para Jerá Guarani, uma das líderes da Terra Indígena Tenondé Porã, a relação com os elementos da natureza é definida de maneira cultural a

partir das premissas de ação e reação, que implicam respeito e consciência por parte dos seres humanos. Entende-se assim que os elementos da natureza devem ser respeitosamente utilizados e não explorados.

Para nós, a árvore tem dono, a pedra tem dono, a água tem dono. Além de Nhanderu, que fez tudo isso, há os Ijá de cada coisa, que tomam conta desses recursos naturais. Quando você usa indevidamente os recursos, você destrói muito. Os donos ficam bravos e vão tirar esses recursos de você. Os mais velhos dizem: “A gente protege nossos filhos do perigo. E esses donos também são pais e mães que vão proteger os seus filhos dos seres humanos quando começam a maltratá-los”. (GUARANI, 2020, p. 15)

Tais premissas são endossadas pelo ativista ambiental Ailton Krenak, que evidencia o distanciamento e a impessoalidade com que os diferentes seres da natureza são interpretados e, consequentemente, explorados.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivos dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. (KRENAK, 2021, p.49)

Os caminhos: achados arqueológicos e possíveis registros de comportamentos dos caminhos que perpassam São Paulo

Se toda ação humana resulta em vestígios arqueológicos e se a cidade é, per se, justamente uma construção humana, não existiria, portanto, intervenção em solo urbano que não resultasse em dados arqueológicos - é como ir a um sambaqui e perguntar se há potencial arqueológico ali. Já que a Arqueologia estuda o antrópico ou antropizado, a urbs é, em essência, a expressão material dessas ações. (SOUZA, 2013, p.318)

No trecho apresentado, o autor destaca a importância de se exercer a arqueologia urbana, bem como seu potencial influência para a compreensão do comportamento humano na cidade. E é nessa lógica que se embasam os estudos levantados à cerca dos caminhos indígenas na cidade de São Paulo.

Conforme sabe-se, as antigas trilhas indígenas tendiam a seguir o espinho de morros. Desta forma, em terreno plano era melhor para caminhar, coisa que seria mais difícil nas encostas em ângulo dos montes. O traçado em espinho dava ainda uma maior visão do terreno, além de evitar os trechos baixos sujeitos à inundação. Apesar de serem adequados para os naturais, causavam terror nos missionários europeus que por eles passavam. (GONÇALVES, 1998)

Atualmente, o Caminho do Mar – uma das ramificações do Peabiru

– é um dos poucos percursos amplamente conhecidos e visitados, com sua rota demarcada e reconhecida por órgãos públicos – apesar de ter seu significado histórico inserido na lógica colonial.

A respeito do Peabiru como um todo, podemos estabelecer que teriam três ramais principais, cujo entroncamento se daria a partir das nascentes do Tibagi, atingindo o litoral atlântico em diferentes pontos: São Vicente, Cananéia e o norte de Santa Catarina. (GONÇALVES, 1998)

Em suas pesquisas, o professor Gustavo Neves da Rocha Filho aborda os caminhos presentes na cidade de São Paulo, e realiza um levantamento embasado nas documentações oficiais da coroa portuguesa, bem como na definição de alguns critérios morfológicos que falarei mais a diante. Sendo assim, segundo as descrições do professor Neves, tem-se:

"1. O caminho do mar, partindo do pelourinho quinhentista, situado frente à esquina das atuais ruas Direita e Quinze de Novembro, seguia por detrás da primitiva igreja da Sé, descia pela atual rua da Glória e contornava a várzea inundável do rio Tamanduateí pelo traçado atual das ruas do Lavapés e Independência, no bairro do Ipiranga para depois atingir Santo André;

2. O caminho de Jeribatiba é o mesmo caminho dos Pinheiros. Já foi descrito quando se mencionou a trilha do Peabirú, seguindo eixos das atuais ruas José Bonifácio, Ladeira do Ouvidor, atravessando o Anhangabaú, subindo pelas ruas Quirino de Andrade, rua da Consolação, Bela Cintra, avenida Rebouças, rua dos Pinheiros, rua Butantã, cruzando o rio

Pinheiros onde hoje se encontra a ponte Euzébio Matoso;

3. Deste caminho, no espingão das matas do Caaguaçú, atual Avenida Paulista, nascia o caminho do Ambuaçava, seguindo pelas atuais Avenida Doutor Arnaldo e Heitor Penteado, conhecidas no início deste século como Caminho do Araçá;

4. O caminho do Ibirapuera nascia no fim da Ladeira do Ouvidor, subia pela atual rua Santo Antonio e Almirante Marques Lobo², passava o espingão da Avenida Paulista no cruzamento desta com a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, descendo pela rua Manoel da Nóbrega até o vale do Rio Pinheiros;

5. O caminho do Piquerí seria também chamado de caminho da Ponte Grande. Partindo do pelourinho, descia pelas atuais ruas Quinze de Novembro, Avenida São João, cruzava o rio Anhangabaú e prosseguia pelas ruas do Seminário e Conceição, esta desaparecida para dar lugar à Avenida Prestes Maia, até os campos do Guaré, atual bairro da Luz, onde a Câmara manteve desde os primeiros anos campos comuns de criação de gado. (ROCHA FILHO, inédito, apud GONÇALVES, 1998, p.43)

Como mencionado anteriormente, para Gonçalves, os critérios de localização dos caminhos seguiriam uma lógica topográfica, com um traçado embasado em espingões e nas partes mais altas dos terrenos, o que favoreceria o caminhar a pé. (GONÇALVES, 1998)

No que concerne aos aldeamentos, imprescindíveis para a compreensão da dinâmica de ocupação da bacia do Alto Tietê e da interação entre colonizadores e grupos indígenas nos primeiros momentos da colônia no século XIX, quando é declarado o fim da política, foram alvo da arqueologia os locais referentes ao Aldeamento de Barueri,

Carapicuíba, São Miguel e Pinheiros, todos cadastrados como sítios arqueológicos.
(SOUZA, 2013, p.31)

² A opção por Era Comum (EC) e Antes da Era Comum (AEC) busca evitar a referência religiosa do calendário cristão. [N.E.] (NEVES, 2020, p.116)

Qhapaq Ñan – Os caminhos Inca e o encontro com os Peabiru

Para além do território brasileiro – e mais ainda, do território paulistano – comprehende-se que a América do Sul inteira estaria ligada por rotas que não se limitavam a fronteiras geográficas. Nesse sentido, o Quapaq Ñan, um conjunto de rotas pré-coloniais, reconhecido pela UNESCO em 2014, como patrimônio cultural da humanidade, é definido pelo guia do Ministério da Cultura do Peru – RUTAS ANCESTRALES DEL QHAAPAQ ÑAN PERÚ – como:

El Qhapaq Ñan estuvo constituido por un complejo sistema de caminos preincaicos incaicos que se extendía por más de 30 000 kilómetros, comunicando todo el Tawantinsuyu. Considerado Patrimonio Mundial por la Unesco, esta red vial integró los actuales países de Argentina, Bolivia, Colombia, Chile, Ecuador y Perú, siendo estructurado sobre la base de caminos dispuestos estratégicamente teniendo como eje a la cordillera de los Andes, desde donde se vinculaban los diversos pisos ecológicos característicos de esta amplísima región. Más de 20 000 kilómetros de este sistema de caminos se encuentran en el Perú, donde el Qhapaq Ñan sigue funcionando como una gran red de comunicación entre los pueblos andinos. (...)

El antiguo Sistema Vial Andino o Qhapaq Ñan, notable obra de ingeniería prehispánica, atravesó enormes arenales, accidentadas cordilleras y tupidas florestas para integrar cientos de pueblos esparcidos por la actual América Andina. No resulta exagerado afirmar que, gracias a esta vía, las actuales naciones andinas comparten muchos rasgos culturales esenciales que hacen patente nuestra hermandad. Si bien algunos de los tramos integrados al Qhapaq Ñan constituían en realidad antiguas rutas de tránsito,

implementadas por sociedades precedentes como los moche y los wari, fue con el Estado Inca que el sistema adquirió um carácter orgânico, permitiendo governar todo el Tawantinsuyu. Por ello, el cronista Pedro Cieza de León señaló a mediados del siglo XVI que, así como España fue dividida desde la antigüedad en provincias, “estos indios para contar las [provincias] que avía en tierra tan grande lo entendían por sus caminos”. En outras palavras, conocer el Qhapaq Ñan era conocer propiamente todo el Imperio. (MINISTERIO DE CULTURA DEL PERÚ, 2020”)

Utilizando o Ministério da Cultura do Peru como exemplo, é possível observar que a elaboração de um guia turístico informativo possibilita divulgar de maneira didática uma exensa rede de caminhos (rutas), que conectam sítios arqueológicos, paisagens exuberantes e ruínas, com a finalidade de fixar a presença e a história dos povos nativos que ali viveram.

Desta forma, é relevante compreender a importância dada à memória pré-colonial do país, que afirma as principais origens da civilização local, bem como seu valor histórico e simbólico. Pois está na paisagem a marca temporal das passagens humanas no meio, e está na história seus reflexos e impactos.



TRAMO CUSCO - DESAGUADERO, Camino sobre elevado en zona de humedales en Pomata Puno.



TRAMO XAUXA - PACHACAMAC, calle norte sur- santuario de Pachacamac, Lima.



TRAMO HUANUCO PAMPA - HUAMACHUCO, camino con muros laterales en la zona de Soledad de Tambo, Huachi, Huarí, Ancash.



TRAMO XAUXA - PACHACAMAC, trazo de camino en la zona de Chontay, Huaro-chirí, Lima.

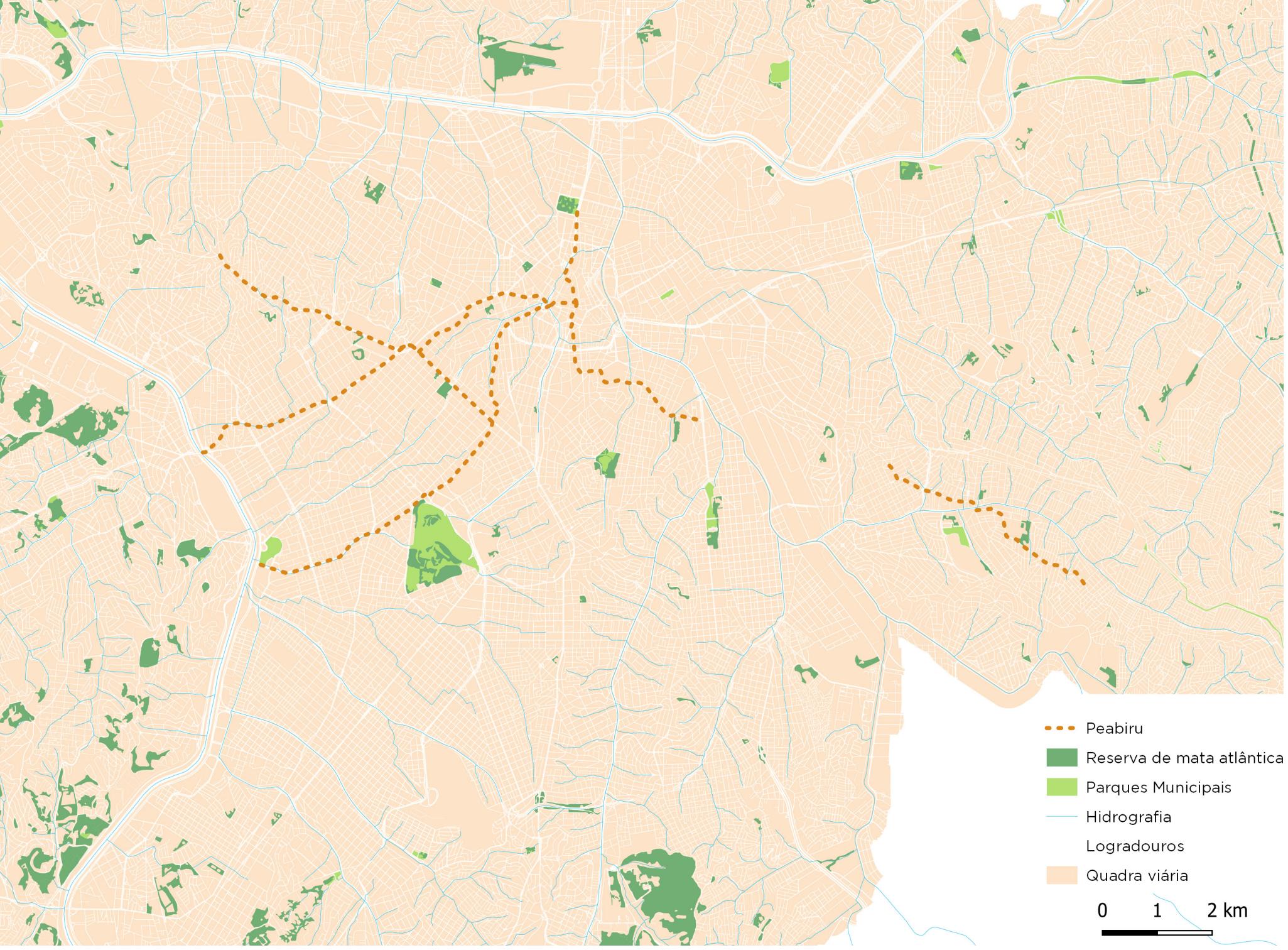
O testemunho do corpo

Ao levantar as referências bibliográficas que contemplam evidências dos caminhos indígenas, diversos trabalhos tendem a realizar uma interpretação presente do território, para mostrar semelhanças e diferenças marcadas pelo tempo. Além disso, o próprio levantamento dos trajetos é fortemente baseado em relatos e diários de bordo de colonizadores europeus.

Desse modo, nota-se importante a vivência e interpretação atual dos percursos, atualizando assim os modos de utilização e ocupação do território.

Para a realização dos trabalhos de campo, a mim, como uma pessoa que nasceu e cresceu na cidade de São Paulo, não parecia muito haver o que observar de novo. O que eu poderia extrair desses caminhos que, em muito momentos eu já havia percorrido e já havia construído minhas próprias memórias? Foi exatamente na tentativa de inverter a lógica do lugar já visitado, que foi possível encontrar vestígios e elementos que mudaram minha visão e a percepção sobre aqueles espaços, como se me permitisse ver coisas que estavam ali e que eu não havia dado atenção a priori, mas que, após a devida observação, mudaram a minha leitura sobre os lugares que estive.

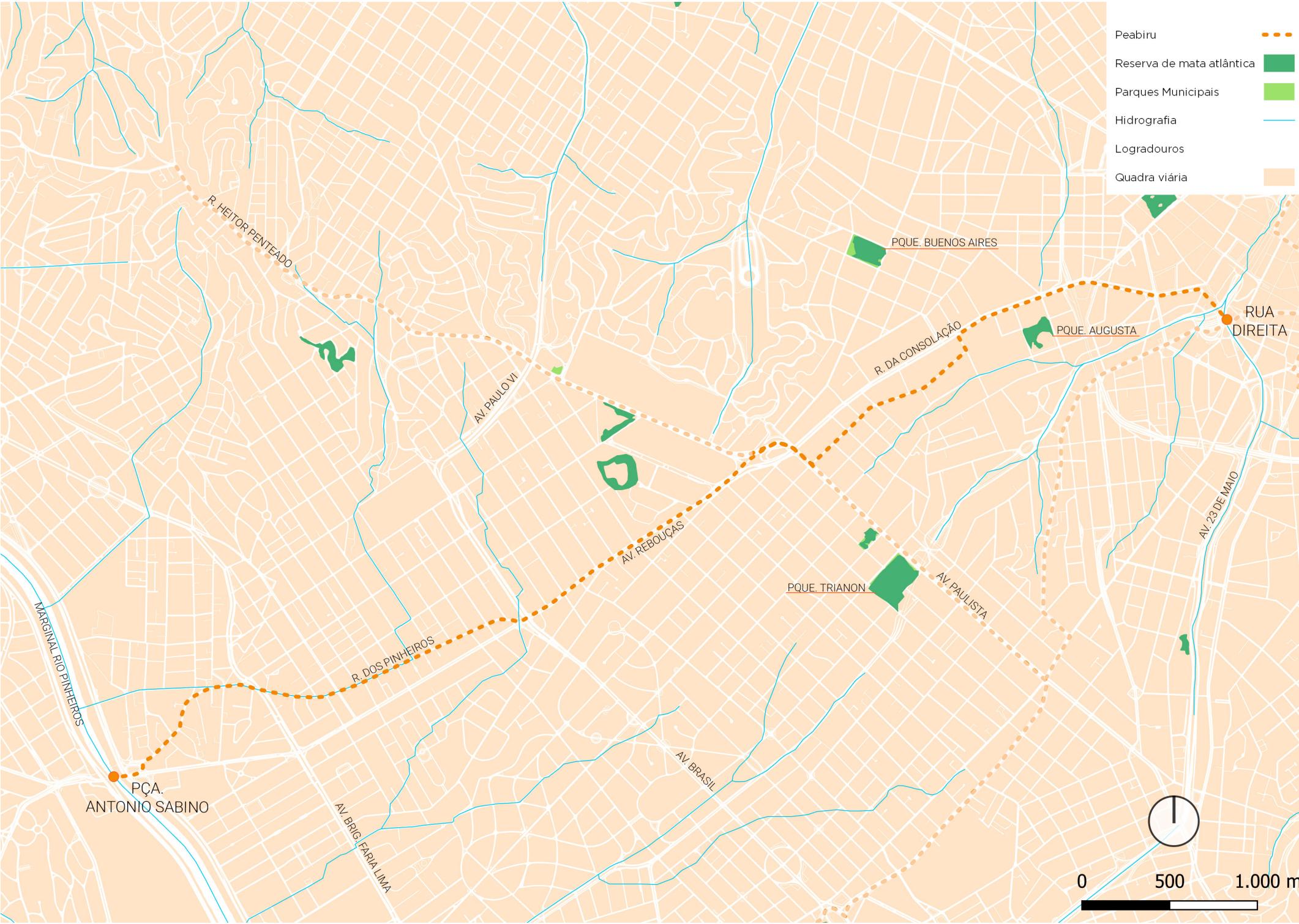
A seguir são apresentados relatos e percepções acerca dos trechos do Peabiru percorridos durante as atividades de campo.

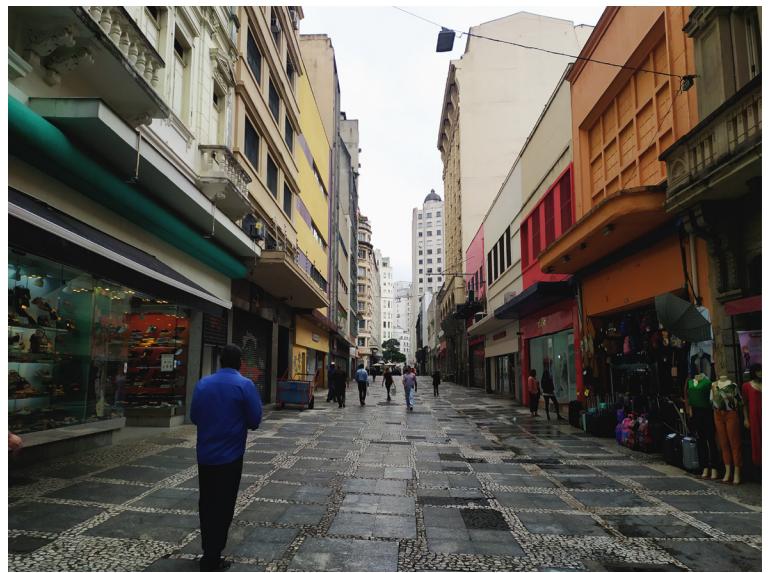


Rua Direita - Praça Antônio Sabino

comprimento total: **7,9 quilômetros.**

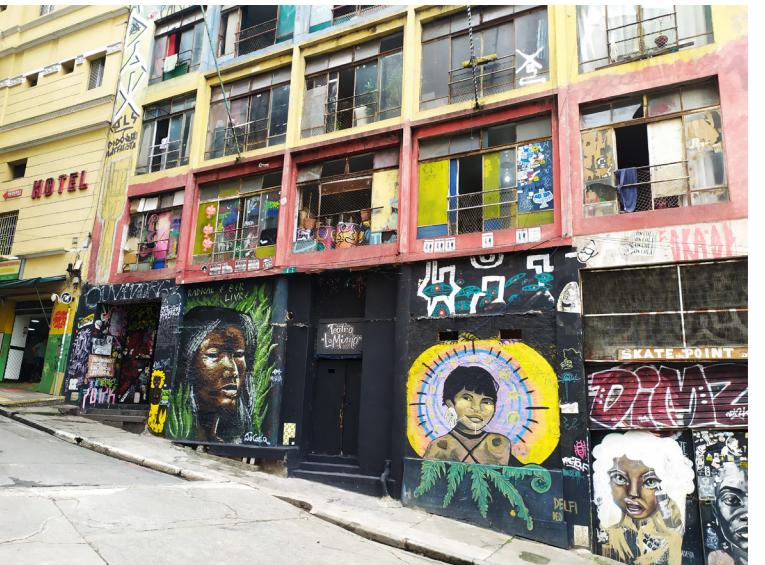
tempo estimado de deslocamento: **3 horas.**





Rua José Bonifácio, Sé.

Rua Direita, muito conhecida pelos paulistanos, encontra-se a estátua do Padre José de Anchieta em frente à Catedral da Sé, marcando ali, um trecho da cidade histórica, de relevância católica muito alta. É marcante também a presença de muitos moradores de rua, de trabalhadores comerciantes, ambulantes e policiais, todos convivendo nesse espaço que, até



Centro Cultural Ouvidor 63 - Rua do Ouvidor, próximo à Passarela dos Piques, Sé.

No sábado, dia 2 de outubro de 2021, por volta das 9 horas da manhã, com uma lista de vias e marcos e navegação pelo aplicativo do google Earth com as rotas dos caminhos foi percorrido o primeiro dos eixos, iniciando na Rua Direita.

Para tanto, foi necessário ir de metrô até a estação Sé, mais próxima ao marco inicial e do centro histórico de São Paulo. Em direção à

hoje é marcado por esses contrastes e conflitos sociais.

O caminho segue pela Rua Direita, até encontrar com as ruas José Bonifácio e Ouvidor, caracterizado como um trecho composto de ruas curtas, marcadas pelos edifícios de estilo europeu colonial, que remetem à chegada dos portugueses, ao pátio do colégio e à presença dos padres



Passarela dos Piques, Sé.

franciscanos, caracterizando o início da cidade São Paulo.

Seguindo, o caminho passa pela Passarela dos Piques, que parte da Rua do Ouvidor em direção à Avenida Nove de Julho, uma via de alta velocidade para carros, atravessando o Vale do Anhangabaú e a Praça da Bandeira.



Grafites no Viaduto Nove de Julho, Centro de São Paulo.

Ao fim da passarela, já próximo



Paróquia Nossa Senhora da Consolação vista da Praça Franklin Roosevelt, Consolação.

atravessar o Viaduto Nove de Julho, com vista para esse imenso vale, em direção ao centro novo. Chegando na Rua Quirino de Andrade destaca-se na paisagem a presença da Biblioteca Mário de Andrade, juntamente com uma arborização viária mais intensa. Adiante, já chegando ao início da Avenida Consolação, passa a prevalecer a declividade bem suave e tranquila de subir, com um fluxo

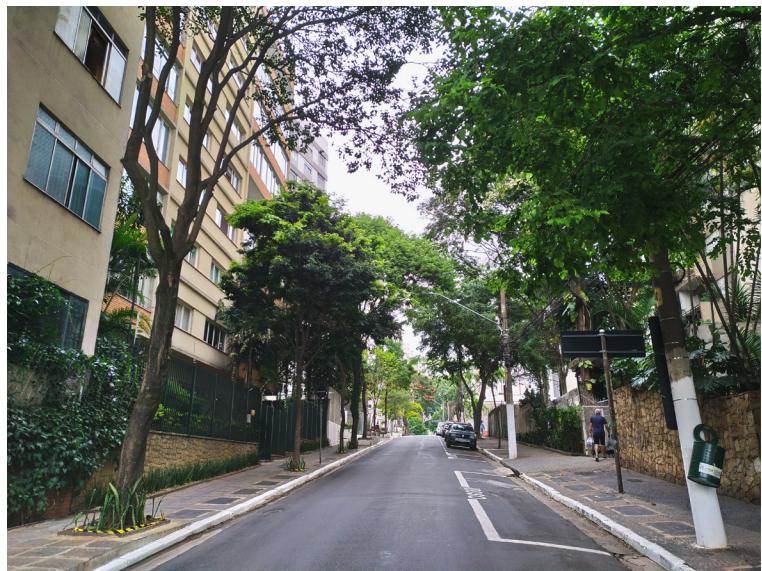


Elevado Presidente João Goulart, observada da Rua da Consolação, Consolação.

à Avenida Nove de Julho, destaca-se uma arborização viária mais expressiva, que transmite a paisagem de uma cidade ampla e mais planejada. Nesse ponto do percurso se vê então essa transformação de uma cidade velha e histórica, para um centro comercial, moderno e dinâmico.

Para seguir ao próximo ponto, é necessário subir a escadaria e

viário intenso de ônibus, bicicletas e carros. Neste trecho, os edifícios se tornam mais constantes e mais altos, chegando a 25 andares. Com cerca de 3 faixas para carros em cada sentido separados por um canteiro central, nesta avenida estão localizadas a faculdade e a estação do metrô (Higienópolis-) Mackenzie, a paróquia Nossa Senhora da Consolação, o cemitério da Consolação, a Praça Roosevelt –



Rua Bela Cintra, Bela Vista.



Início da Avenida Rebouças, Pinheiros.

como ligação à Rua Augusta –, alguns comércios pequenos e uma escola estadual. Essa última instituição possui na sua fachada uma imagem de um padre com duas crianças indígenas, reforçando o caráter catequizador desses indivíduos europeus.

A escola, na esquina, marca a virada para o próximo ponto



Passarela Professor Doutor Emílio Athie, cruzando a Av. Rebouças, Pinheiros.

nesses cruzamentos.

A Rua Bela Cintra possui um fluxo de carros e pessoas baixo, dado principalmente por moradores, além de não possuir pontos de ônibus ou ciclofaixas. É historicamente conhecida por ser extremamente valorizada e concentrar habitantes com um alto poder aquisitivo.



Cruzamento da Rua Pinheiros com a Avenida Pedroso de Moraes.

do percurso, na Rua Antônio de Queiros, uma rua curva, com um trecho curto que serve de acesso para a Rua Bela Cintra. A partir desse ponto o caminho assume um caráter mais residencial, ainda que paralelo à Avenida Consolação, seguindo seu “espingão” em direção à Avenida Paulista. Essa rua apresenta-se topograficamente elevada em relação as ruas que a cruzam, sendo observadas declividades negativas

O caminho segue por essa rua até alcançar a avenida Paulista, mais especificamente na praça do Ciclista, onde o encontro do caminho com a Avenida Paulista é caracterizado por um tráfego mais intenso de transportes e pessoas. A passagem por essa avenida é pequena e serve apenas como conexão para o trajeto na Avenida Rebouças, em seu sentido de descida em direção ao Rio Pinheiros.



Rua Teodoro Sampaio com visão para o Largo da Batata e, ao fundo, a Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrat, Pinheiros.



Edifícios residenciais de alto padrão, característicos do entorno da Faria Lima, observado a partir da Rua Butantã, Pinheiros.

A Rebouças é um dos maiores trechos desse eixo e possui bastante arborização viária, representando uma transformação na paisagem que, à medida que aumenta a distância em relação à Avenida Paulista, menores apresenta-se os edifícios e os ritmos das construções, bem como o tráfego de carros, apesar da alta velocidade

dos veículos. O caminhar pela via possibilita perceber a sofisticação da tipologia dos edifícios, marcando inclusive a valorização do metro quadrado daquela área.

Dadas as características de alta velocidade e intenso tráfego de carros, conclui-se que a Avenida Rebouças seria um dos trechos mais difíceis de se percorrer a pé atualmente. No entanto, as calçadas e os passeios minimamente estruturados, não expõem os transeuntes a nenhum risco eminente. A percepção foi de passeios não completamente confortáveis, mas também que não apresentavam risco.

O trajeto pela Rebouças segue até encontrar e desviar para a Rua dos Pinheiros, onde as vias e as calçadas se alargam mais, os edifícios novamente voltam a aumentar e dimensões e frequência em direção a Avenida Faria Lima, com o ritmo da vida corporativa de São Paulo se reapresentando. Próximo ao largo da Batata, passando pelo eixo da Avenida Faria Lima (que, juntamente com a avenida Paulista, compõem hoje os principais centros executivos da cidade), verifica-se um intenso fluxo de transportes públicos e privados, pessoas, bicicletas e patinetes.

No Largo da Batata se encontra a Praça Padre Septimo Ramos Andrade em frente à paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate que, embora o seu nome e posição ainda esteja muito atrelado ao passado catequizado da cidade, possivelmente o marco atual de maior destaque

nesse trecho pois é o único ponto de rememoração desse contexto e histórico de ocupação indígena pretérito. Neste espaço livre estão fixadas algumas placas metálicas que indicam a presença de vegetação nativa da mata atlântica na praça. Essas placas contam um pouco da história do território local e indicam inclusive que houve no passado a presença de povos indígenas naquela região. A praça não está nem muito depredada nem muito cuidada, e não possui uma presença tão expressiva na paisagem local, principalmente por ser pouco vegetada. Mesmo que já contextualizado, ainda é possível pensar algum projeto de manutenção e ressignificação desse marco já estabelecido.

Do Largo da Batata, seguindo pela Rua Butantã, há uma transformação para um trecho menos movimentado da cidade, com um aspecto mais calmo e edifícios mais espaçados, não tão altos, de maior uso para habitação.

No final desse percurso, na Praça Antônio Sabino, é possível ver as movimentações das marginais do Rio Pinheiros, com calçadas menores e menos cuidadas, dificultando ao pedestre o trânsito por ser um trecho de tráfego expresso de ligação entre a zona oeste e o centro da cidade. Desse fato é interessante analisar como a inversão da lógica que antes era adotada pelas populações que utilizavam as margens dos rios. Essa região por ter uma topografia plana era tomada como rotas mais atraentes ao transporte a pé e, atualmente, o pedestre não possui estrutura que

possibilite sua caminhada próxima ao rio Pinheiros – nesse caso, sendo o fim do caminho mapeado.

Em geral, o caminhar durou cerca de três horas, com uma caminhada constante. O trajeto não foi tão cansativo, mas foi dificultado pelo calor e por pouca circulação de ar, principalmente nos trechos mais densamente construídos.

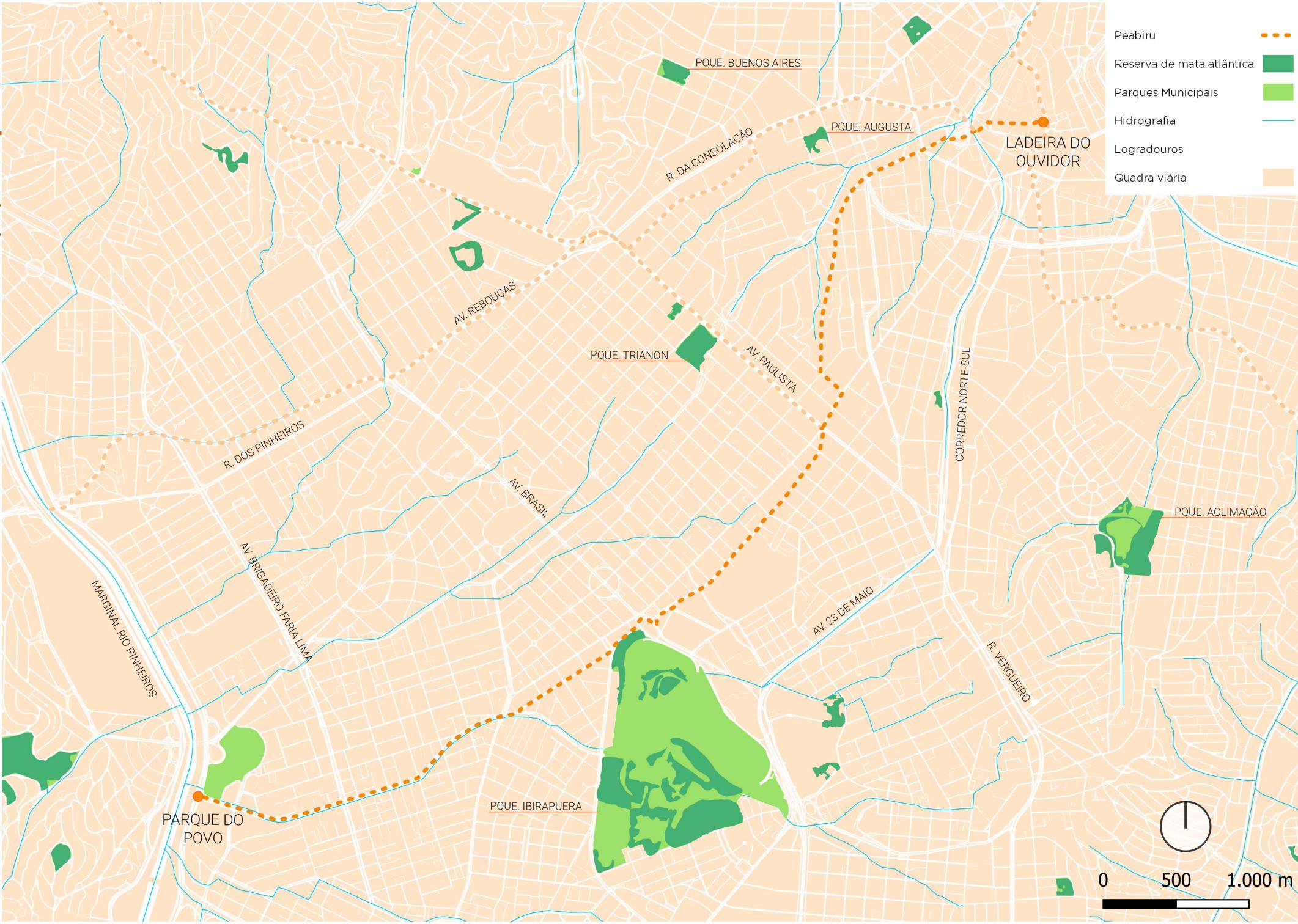


Vista da Ponte Eusébio Matoso sobre o Rio Pinheiros, na extremidade oeste do eixo Rua Direita – Praça Antônio Sabino, Pinheiros.

O percurso foi encerrado numa passarela particular que possibilitou observar a paisagem que contrasta as margens do rio Pinheiros, com um grande fluxo de veículos automotores, uma vegetação defasada, e um adensamento construtivo intenso do bairro de Pinheiros.

Parque do Povo - Ladeira do Ouvidor

comprimento total: **8 quilômetros.**
tempo estimado de deslocamento: **3,5 horas.**





Esquina da Rua do Ouvidor com a Rua São Francisco, ao fundo com a Paróquia São Francisco de Assis, Sé.

bastante frequentado, com um desenho orgânico, não possuindo um adensamento arbóreo muito grande, e sim apenas uma forração pisoteável. Ele possui três portões, sendo um destes um acesso próximo à Avenida Juscelino Kubitschek, por onde segue o trajeto.

Nessa avenida é possível



Feira de domingo na Rua Major Quedinho, travessa da Rua Santo Antônio, Centro Histórico de São Paulo.

O segundo eixo foi percorrido em duas datas, iniciado também em 2 de outubro de 2021 e finalizado em data subsequente. O caminho inicia no Parque do Povo, cujo deslocamento a partir do ponto final do primeiro eixo pode ser realizado via trem. O Parque do Povo é relativamente pequeno ($133.547m^2$), cercado por prédios por todos os lados, de onde não se tem horizonte. O parque é

reafirmar as características de edifícios monumentais e calçadas largas, mas não muito atrativas ao pedestre. A ausência de pontos de ônibus ou transporte público próximo evidencia o carro como prioridade na concepção dessa parte da cidade, sobretudo tomada por carros de alto padrão.

A arborização é bastante restrita apenas aos canteiros



Feira de artesanato embaixo do Viaduto Júlio de Mesquita Filho, na Rua Santo Antônio, Bela Vista.



Muro de contenção na Rua Santo Antônio, próximo ao Painel Do Bixiga, Bela Vista.

centrais, com pouca relevância, não apresentando uma paisagem artística, e nada que traga a memória e a presença indígena.

A jornada foi interrompida no trecho da Avenida Bento de Andrade, onde foi possível encontrar um ponto de ônibus. A interrupção foi decidida dado o cansaço físico da caminhada, quebrando a intenção



Residência no bairro do Bixiga, Bela Vista.

realizado pela estação Anhangabaú do metrô, tendo também a opção de utilização do terminal de ônibus Bandeira. A partir da praça, segue-se pela Rua Santo Antônio, por toda a sua extensão até que ela se torna a Rua Almirante Marques de Leão, já no bairro do Bixiga. Inicialmente com uma subida com inclinação moderada a baixa, a via logo fica



Rua Almirante Marques de Leão, Bela Vista.

inicial de realizar dois caminhos seguidos. Esse caminho foi retomado e completado no sentido oposto, saindo da Ladeira do Ouvidor até o Parque do Ibirapuera, próximo ao ponto em que foi interrompido.

Como o trecho inicial da Ladeira do Ouvidor até a Praça da Bandeira é compartilhado com o primeiro eixo percorrido, optou-se pela retomada a partir da praça, com acesso

mais plana e assim permanece até o final.

Esse longo fragmento do percurso, com quase 1,4 quilometro de extensão, percorrido numa manhã de domingo apresentou-se com um movimento bem tranquilo e embora apresente uma quantidade grande de estabelecimentos boa parte encontrava-se fechada. A região apresenta um perfil misto entre



Conjunto de sobrados com porta direta para a rua, no final da Almirante Marques de Leão, Bela Vista.



Cruzamento da Alameda Ribeirão Preto com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, Bela Vista.

moradia e comércio, provavelmente mais movimento do que o observado durante a semana, atrelado a a própria ativação do centro. Não foram observadas áreas livres de uso coletivo para lazer, embora tenha sido observada espaços públicos com uso privado. Uma feira grande em uma perpendicular a Rua Santo Antônio e outro espaço embaixo do viaduto Júlio de Mesquita



Entrada da Rua Manoel da Nóbrega na Avenida Paulista, Bela Vista.

em relação as paralelas do entorno, como se o caminho se aproveita-se de uma região de vale que embora não tenham sido observadas indicações locais ou na bibliografia, se assemelha bastante as margens de uma hidrografia suplantada. Com relação ocupação, os comércios dão lugar a um perfil puramente residencial, com casas pequenas



Arborização viária e perfil residencial verticalizado de alto padrão na Rua Manoel da Nóbrega, Paraíso.

Filho com intervenções artísticas e venda alimentos e artesanato, que remetem ao uso coletivo do espaço dentro da dinâmica do centro.

Na transição para a Rua Almirante Marques de Leão ocorre uma mudança no perfil de ocupação e na topografia. O relevo passa primeiro por uma elevação curta seguida de uma longa depressão, no qual é bastante notável o desnível

e sobrados, regiões muradas, terrenos baldios íngremes e, principalmente na parte baixa, a esquerda, se destacam grandes edifícios que só tem acesso para a rua paralela (Rua dos Franceses).

O final da Rua Marques de Leão e a próxima via, a Alameda Ribeirão Preto, possuem uma inclinação moderada a alta, realizando a ascensão para o



Quartel General do Exército na Rua Manoel da Nóbrega, Paraíso.



Monumento às Bandeiras, Praça Armando Sales Oliveira, Vila Mariana.

espicão da Paulista, pela Avenida Brigadeiro Luís Antônio. O perfil de ocupação gradualmente vai sofrendo alterações com a proximidade com a região da Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Existe nesse trecho a presença de algumas moradias antigas preservadas, que emulam bastante padrão europeu de casas com dois patamares, com porta direta para a rua. A partir da Alameda



Entalhe em granito na base frontal do Monumento às Bandeiras, atribuindo ao território do país o nome de diversos bandeirantes suas respectivas expedições.

caminho pela Marques de Leão aproveitar a topografia plana de uma região de várzea.

Outro ponto de questionamento quanto a esse caminho remete a entender que fator poderia ter condicionado a escolha da rota pelas ruas Santo Antônio/Marques de Leão ao invés da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, já que essa parte praticamente do Largo São Francisco e atinge o mesmo ponto, apresenta uma topografia plana boa parte de sua extensão e exerce um certo paralelismo a essa rota. Essa decisão pode envolver tanto um fator físico, como a presença de um curso d'água ou outro fator não abordado nos textos de referência mas deve-se pontuar que a utilização de um caminho por uma área de baixada, próximo ao curso de um rio em detrimento de uma rota por m terreno mais elevado é contraditória a lógica apontada

Ribeirão Preto prevalecem prédios residenciais de grandes dimensões e alto poder aquisitivo.

Uma feição que se destacou foi a observação de uma espécie de mina d'água que brotava da calçada em frente a essas casas antigas que levantou a possibilidade da presença de um corpo hídrico enterrado ou uma nascente, dada a qualidade aparente da água. Essa hipótese precisaria de comprovação, mas reforçaria a possibilidade do

nas referências para o estabelecimento das rotas.

O pequeno caminho percorrido pela Avenida Brigadeiro Luís Antônio, atravessando a Avenida Paulista, e as primeiras quadras da Rua Manoel de Nóbrega é caracterizado por um perfil misto, com prédios de alto padrão aquisitivo porém com um viés comercial muito forte, com hipermercados, galerias, lojas, hospitais, shoppings e prédios comerciais que definem o perfil da Avenida Paulista e quadras do entorno próximo.

Na Rua Manoel de Nóbrega, rapidamente o perfil comercial dá lugar a um perfil residencial de alto padrão extremamente verticalizado, com raros comércios de necessidades básicas, com uma arborização bastante elevada e topografia em descida, já indicando a saída da região de alto topográfico em direção a baixada. Esse padrão permanece até as

proximidades do Batalhão da Polícia do Exército e Ginásio do Ibirapuera onde as moradias passam a ser em casas ou edifícios baixos, pequenas vilas, embora ainda se trate de uma área com elevado valor imobiliário. Comércios voltam a estar mais presentes, principalmente restaurantes e artigos de segunda necessidade. A arborização é um pouco mais esparsa, mas ainda é bastante presente e o relevo passa a



Eixo econômico/financeiro na Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, altura do 1700 - Vila Nova Conceição.



Cruzamento da Avenida Presidente Juscelino Kubitschek com a Avenida Brigadeiro Faria Lima, Vila Nova Conceição.

Oliveira onde está localizado o Monumento às Bandeiras. Nesse encontro também se localiza outro espaço livre bastante arborizado, a Praça Pastor Rubens Lopes, porém devido a proposta desse trabalho, toda a discussão histórica e repercussão iconográfica e monumental desse monumento para a construção da memória coletiva da cidade, sendo tomada como um dos principais cartões postais, a escolha de intervenção na praça do Monumento às Bandeiras foi a escolha mais indicada diante de todas essas considerações.

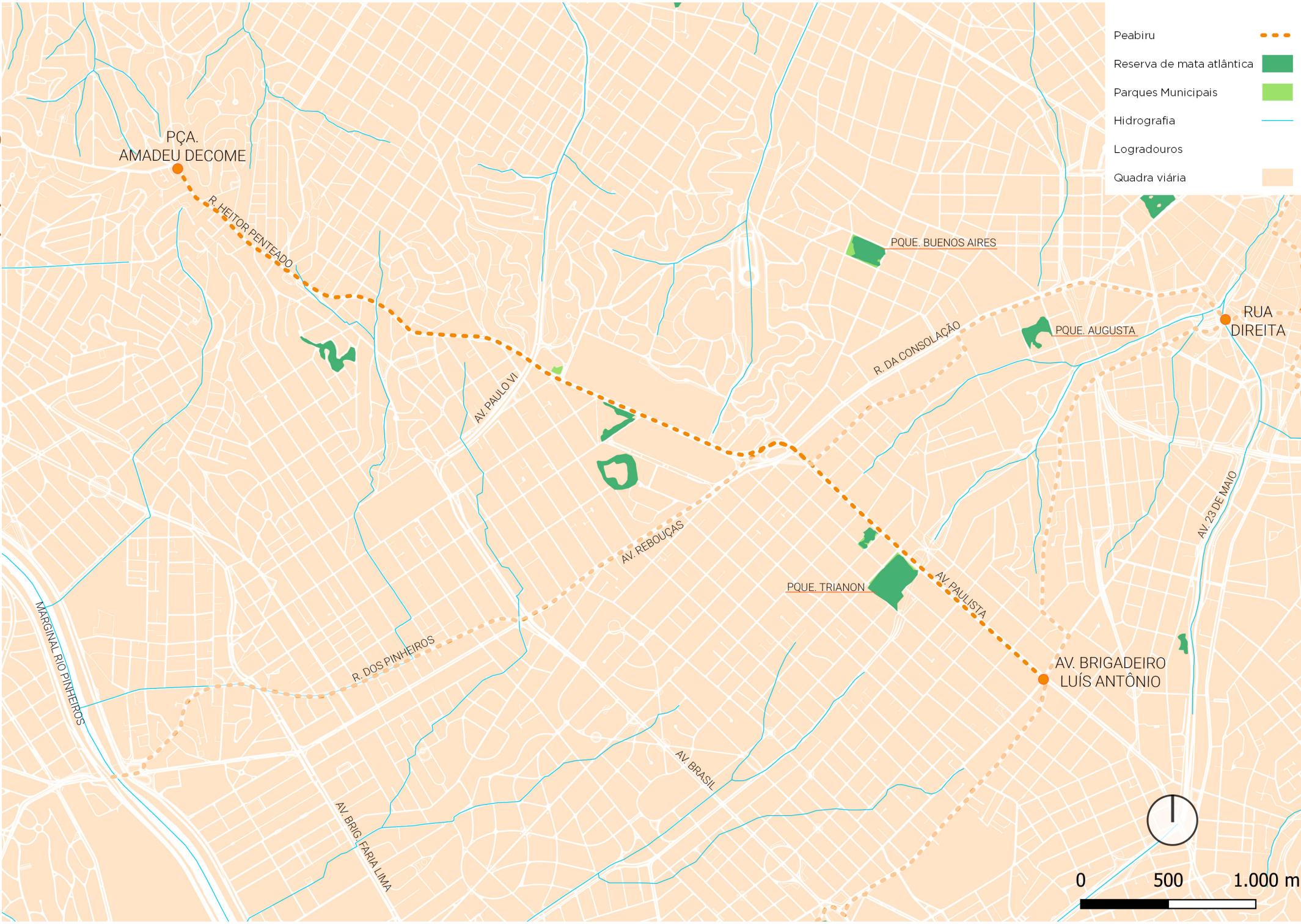
ser plano. Desde a Paulista não são observadas áreas de lazer definidas em espaços livres mas nota-se que, devido a proximidade com o parque do Ibirapuera, a região recebe uma quantidade grande de pessoas praticando atividades de lazer e esporte aos finais de semana (ciclismo, corrida, caminhada, etc.), quando essas vias apresentam tráfego relativamente tranquilo.

O percurso foi finalizado no encontro da Rua Manoel de Nóbrega com a Praça Armando de Sales

Rua Heitor Penteado - Avenida Brigadeiro Luís Antônio

comprimento total: **7,06 quilômetros.**

tempo estimado de deslocamento: **2,5 horas.**





Moradias nas proximidades da Avenida Heitor Penteado, na Rua Cerro Corá, Vila Romana.

diversificando as análises e não gerar uma lógica radial.

Descendo na estação Vila Madalena é necessário pegar um ônibus até o ponto inicial da rota, na Praça Amadeu Decome, marcada pelo Google Maps como ponto mais alto do Espigão da Paulista. A praça estava com baixo movimento



Mirante proporcionado pelo relevo elevado próximo ao extremo oeste do Eixo Heitor Penteado - Brigadeiro Luís Antônio, na Rua Cerro Corá, Vila Romana.

No dia 12 de outubro de 2021 foi dada sequência as atividades de campo, com a realização integralmente desse trajeto. A estação do metrô mais próxima de uma das extremidades e a estação Vila Madalena, por isso o deslocamento a partir do Tucuruvi começou por volta das 6:40 da manhã. A ideia foi fazer esse eixo da extremidade para centro,

de usuários, porém alguns equipamentos indicam intervenções de usuários, como bancos e balanços. De modo geral a praça aponta possibilidades para a intervenção indígena e possui grandes potencialidades de uso.

Partindo da praça, chega-se a Rua Heitor Penteado, caracterizada pela presença declividades mais acentuadas em relação ao espião, com edificações de uso misto, com predomínio de perfil habitacional inicio do percurso, migrando gradualmente para um perfil mais incrementado de pequenos comércios. Conforme



Grafites com temática indígena em escola pública da Vila Romana, proximidades da Avenida Heitor Penteado.



Escadaria indicando o desnível do início do trecho do Peabiru Eixo Heitor Penteado - Brigadeiro Luís Antônio, na Rua Cerro Corá, Vila Romana.

caminhamos em direção à estação do metrô Vila Madalena, o relevo se torna mais plano e a tipologia passa cada vez mais comercial. A via possui um alto fluxo de veículos e comércios pouco frequentados.

Próximo de encontrar com



Praça Amadeu Decome, Vila Romana, início do Eixo e ponto mais alto da cidade de São Paulo

Na Avenida Doutor Arnaldo, a arborização bastante abundante conta com a presença do cemitério do Araçá, bem como do complexo pertencente à Faculdade de Medicina da USP, que garantem uma infraestrutura viária mais adequada para transportes e pedestres, tornando o caminhar mais agradável.

No entanto, a transição para

a Avenida Doutor Arnaldo, a rua se torna íngreme novamente e as calçadas se tornam mais estreitas e menos apropriadas ao atividade. Dadas as características de transição da avenida, como uma via de acesso para o centro da cidade, os transportes são priorizados na composição viária, e na utilização da ponte que realiza a travessia da Avenida Paulo VI, em direção à Avenida Paulista.



Cruzamento da Rua Cerro Corá com a Avenida Heitor Penteado, Sumarézinho. Destaque a situação de alto topográfico do início do trajeto.

a Avenida Paulista em direção à Praça do Ciclista, a calçada é substituída por um canteiro central elevado, no qual os pedestres não têm a possibilidade de realizar o passeio com segurança. Parte desse trecho está sobre um viaduto, e encontra com a Rua da Consolação e a Avenida Rebouças tendo, portanto, um alto fluxo de veículos em alta velocidade.

Na data de realização do percurso, um feriado, na Avenida Paulista os pedestres ocupavam todas



Painel de grafite na Avenida Heitor Penteado, próximo ao encontro com a Avenida Doutor Arnaldo, Sumarézinho.



Arborização densa observada do Viaduto Sumaré, na Avenida Doutor Arnaldo, Pacaembu.

as faixas destinadas aos carros, bem como as calçadas. Isso porque, devido a implementação de políticas urbanas desde 2015, ocorre a abertura da avenida apenas para pedestres e veículos de mobilidade ativa aos fins de semana e feriados. Por conta da importância e influência da Paulista, essa transformação de uso levanta questionamentos e discussões interessantes sobre



Vista panorâmica da cidade a partir do mirante do Viaduto Sumaré, Pacaembu.

raciocínio de utilização dos espiões da cidade para deslocamento a pé, considerando a passagem pelos pontos mais altos da cidade de São Paulo.

a ressignificação das vias e a apropriação dos espaços livres pelos pedestres. O caminho segue todo o espião da Avenida Paulista, finalizando no cruzamento com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio.

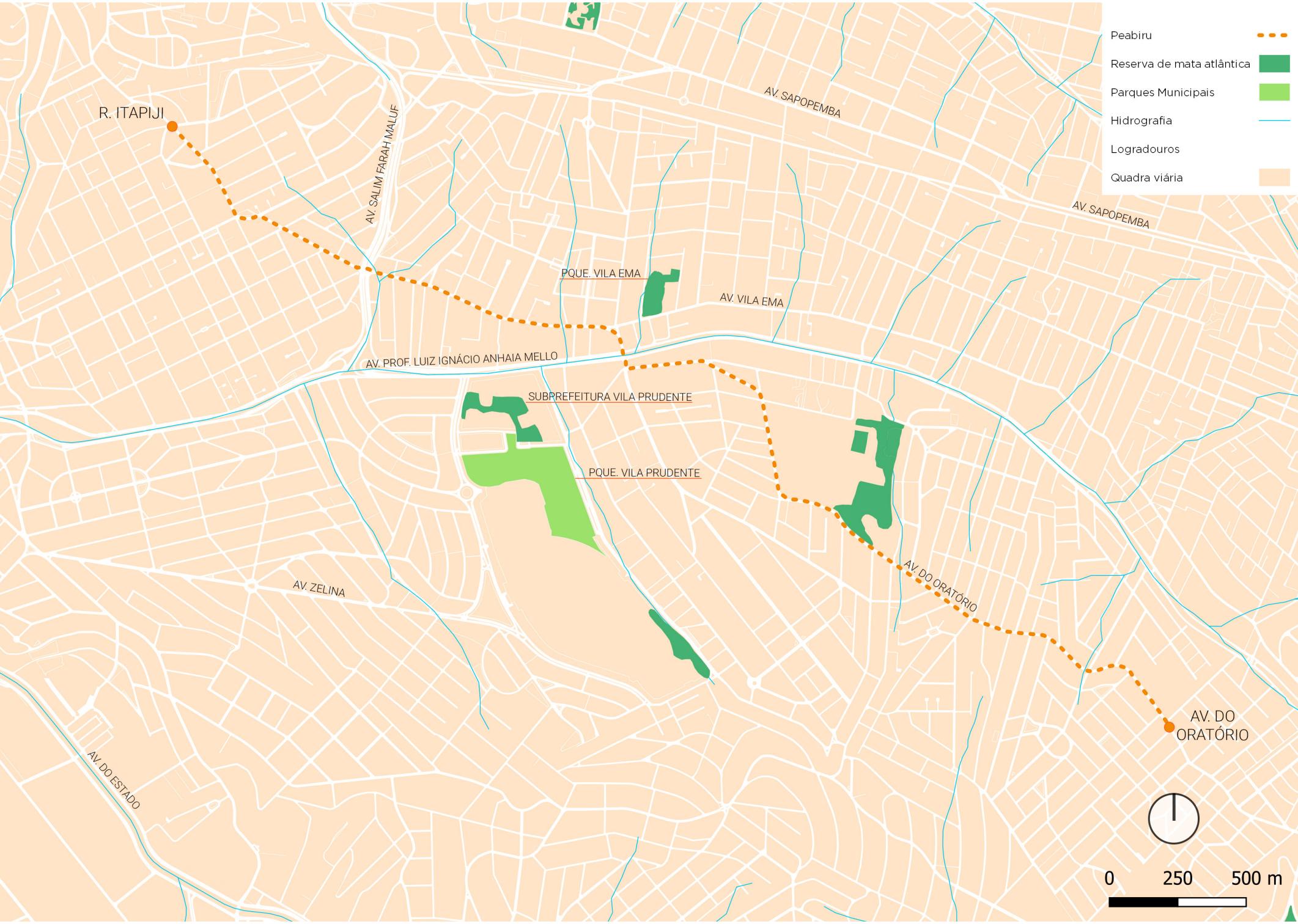
Como uma síntese do que foi observado, esse eixo apresenta passeios pouco estruturados e pouco confortáveis. Embora essas características impostas pelo uso e ocupação atual é possível observar o



Viaduto Okuhara Koei, Cerqueira César com vista para o encontro da Avenida Rebouças com a Avenida da Consolação.

Av. do Oratório - Rua Itapiji

comprimento total: **4,62 quilômetros.**
tempo estimado de deslocamento: **2 horas.**





Avenida do Oratório, altura do 2600, Parque São Lucas.

O caminho primitivo de São Paulo para o litoral vicentino só poderia ser a Trilha dos Tupiniquins. Em falta de qualquer outra prova (e elas sobejam) a sua forçada existência decorreria da manifesta impossibilidade dos índios não possuírem comunicações com a costa. (PEREIRA, 1935, p. 29, apud GONÇALVES, 1998, p.38)

Baptista Pereira considerou que a Trilha dos Tupiniquins, ou primeiro caminho da serra, fazia parte da grande

Esse eixo possui um contexto diferente dos demais pois integra a Trilha dos Tupiniquins, na zona Leste de São Paulo e, dessa forma, se encontra deslocado em relação aos outros eixos que se desdobram na zona Centro-Oeste da cidade. Acredita-se que a Trilha dos Tupiniquins gerava a conexão entre a região central do território e a Serra do Mar, de onde se seguia o Caminho do Mar em direção à costa.



Escola Estadual José Chediak e padrão de uso misto com moradias e comércio bem ativo na Avenida do Oratório, altura do 2300, Parque São Lucas.

rede de caminhos que chamamos Peabirú, sem, porém, citar-lhe o nome. (GONÇALVES,1998, p.38)

Sendo assim, no dia 16 de outubro de 2021 foram percorridos esse eixo juntamente com o eixo Avenida Dom Pedro I – Luz (descrito no próximo item) por haver um raciocínio de continuidade visualmente deduzível por mapa que, por algum motivo desconhecido é interrompido.



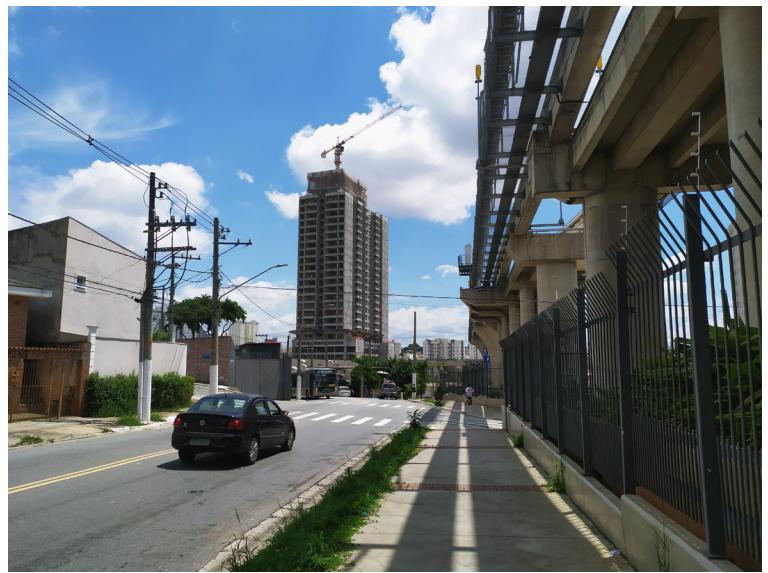
Vista do bairro, em relação ao espingão da Avenida do Oratório.



Área verde destinada ao futuro Parque São Lucas.

Para alcançar o ponto mais próximo do início do trajeto, o deslocamento foi realizado através do monotrilho até à estação São Lucas – Linha 15 Prata do metrô. Na estação ainda foi necessário pegar um ônibus até o ponto inicial na Avenida do Oratório, próximo ao número 2800.

Logo de início foi possível



Trecho paralelo aos trilhos do estacionamento do monotrilho, Linha 15 – Prata do Metrô de São Paulo, na Avenida do Oratório, altura do 700, Vila Independência.

à Anhaia Mello – está em um dos espiões locais, com as cotas mais altas da região, de onde é possível se ter a vista dos bairros residenciais ao redor. Por apresentar um comércio intenso e variado, e um grande fluxo de pedestres e transeuntes, a avenida pode ser caracterizada como uma centralidade local, reforçando seus potenciais de ocupação e apropriação.

A avenida passa pelo



Construções de grande porte na Avenida do Oratório, altura do 200, próximo a subprefeitura da Vila Prudente, Jardim Independência.

identificar na paisagem as características topográficas de uma cabeceira hidrográfica repleta de nascentes em que a via expressa, a Avenida Luiz Ignácio Anhaia Mello – onde passa o Córrego da Mooca – encontra-se em um vale com cota aproximada de 5 metros abaixo das avenidas paralelas, tendo suas vias transversais todas em ladeira.

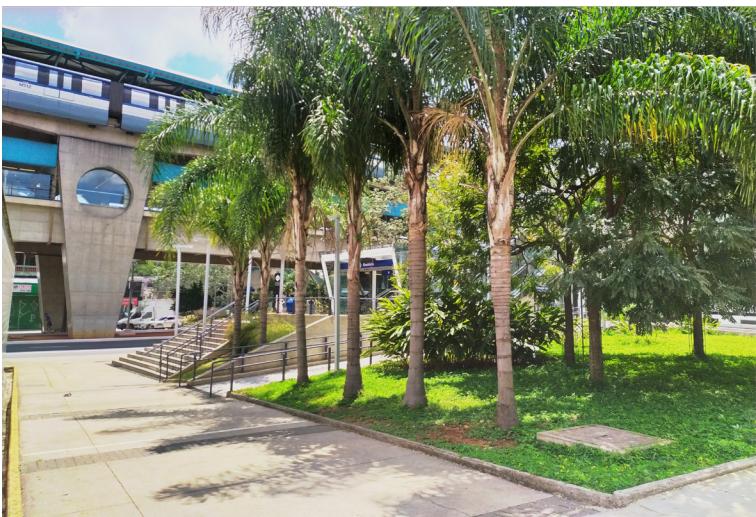
Já a Avenida Oratório – paralela

estacionamento do monotrilho, uma grande área pavimentada impermeável, situada ao lado de uma área verde destinada ao futuro Parque São Lucas. No entanto, atualmente o espaço encontra-se cercado e inacessível e as calçadas do entorno apresentam pouca infraestrutura para os pedestres.

Avenida Oratório é percorrida por uma longa extensão finalizando o trecho ao encontrar com a Anhaia Mello, onde se localiza a subprefeitura da



Subprefeitura da Vila Prudente, em frente a Estação Oratório, Jardim Independência.



Espaço livre para acesso à Estação Oratório, Jardim Independência.

Vila Prudente. Foi possível observar as variações de declividades e transformações da via, de um uso exclusivamente comercial até um uso exclusivamente residencial.

A travessia da Avenida Anhaia Mello, em direção à Avenida Vila Ema, é facilitada pela presença da passarela de acesso do monotrilho na estação Oratório, travessia que



Vista da Avenida Professor Luiz Ignácio Anhaia Mello a partir da passarela de acesso a Estação Oratório, bastante arborizada nas proximidades, Jardim Independência.

da Mooca e as avenidas paralelas – neste caso, a Avenida Vila Ema. A rua termina no encontro com o Parque Vila Ema, de onde o caminho segue pela avenida rumo ao centro da cidade, cruzando com a Avenida Salim Farah Maluf, onde se tem um grande fluxo de veículos no sentido Norte-Sul da cidade.

No segmento final do



Rua São Gotardo, Vila Santa Clara, ao fundo com a Estação Oratório.

na ausência dessa estrutura seria dificultada devido à ausência de faixas de pedestres próximas e da alta velocidade dos veículos na via.

Do outro lado da passarela, se encontra a Rua São Gotardo que, assim como citado anteriormente, está configurada como uma ladeira com uma declividade de cerca de 5 metros de desnível que realiza a conexão entre o vale do Córrego

percurso pela Avenida Vila Ema, as declividades se acentuam e as calçadas se estreitam, conforme o bairro vai se tornando cada vez mais residencial. Na transição para a Rua do Oratório, passando por um curto trecho na Rua do Orfanato, se encontra a única praça de todo o eixo. O eixo finaliza no encontro das ruas do Oratório com a Rua Itapiji.

Sumariamente esse caminho poderia ficar marcado por possuir contrastes



Fim do trajeto na bifurcação da Rua do Oratório com a Rua Itapiji, Alto da Mooca.



Avenida Vila Ema, nas proximidades com seu encontro com a Avenida Salim Farah Maluf, Vila Prudente.

urbanos intensos, como uma avenida repleta de pequenos comércios e com grande fluxo de pedestres, com poucas áreas de lazer gratuito ou ao ar livre, muitas edificações verticais construídas muito próximas às avenidas. Isso provavelmente é um reflexo da presença do monotrilho e a categorização de um eixo de estruturação urbana que intensificaram o desenvolvimento

Av. Dom Pedro I - Luz

comprimento total: **5,75 quilômetros.**
tempo estimado de deslocamento: **2 horas.**





Bifurcação da Rua da Independência com a Rua Clímaco Barbosa - Cambuci.

Avenida Dom Pedro I, é ambientado em uma região majoritariamente industrial que aponta para uma estagnação temporal, com pouca infraestrutura e baixo trânsito de pessoas ou veículos. Atualmente o ponto de partida do eixo está localizado próximo aos trilhos da CPTM e de um complexo industrial datado do século XIX, em um bairro com aspecto industrial antigo com



Padrão de ocupação mista no Largo do Cambuci, Cambuci.

de complexos de habitação com cerca de 25 andares, escancarando uma situação de hipervalorização da região.

Conhecido como o eixo que faz a ligação Norte-Sul, este caminho foi realizado também no dia 16 de outubro de 2021, após a conclusão do eixo anterior.

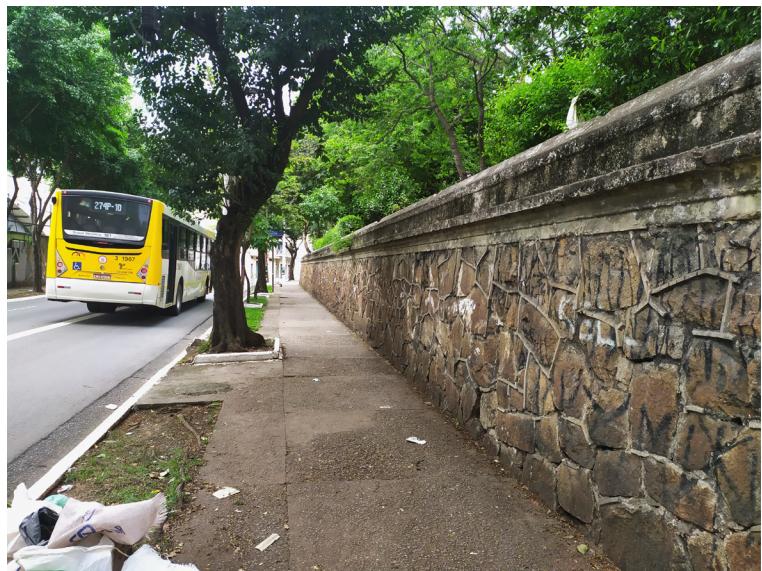
O ponto inicial do trajeto, seguindo pela Rua da Independência a partir de seu cruzamento com a

grandes galpões de aparência semiabandonados, grandes muros, ausência de pedestres e de atividades comerciais.

Seguindo o caminho, passando pelo Largo do Cambuci até chegar na Rua do Lavapés se tem uma tipologia mista com maior movimento de pedestres, comércio, residências, transportes, transacionando para características de um bairro apartado do centro,



Vista do cruzamento de ruas no Glicério, observando a Rua Tamandaré (esquerda) e Rua do Glória (centro), no Cambuci.



Paredão de pedra na Rua do Lavapés, Cambuci. A direita, no alto do muro se localiza a Praça Hélio Ansaldi.

mas que está em transformação tipológica intensa. Na Rua do Lavapés foram constatadas a presença de obras que vêm substituindo antigas residências pequenas por grandes complexos de edifícios com 25 andares, em um processo nítido de verticalização.

Seguindo o caminho, o percurso atravessa a região do Glicério onde



Rua Lavapés, no cruzamento com a Rua Glicério.

Retomando o caminho ao alcançar a Rua da Glória e a via subsequente, Rua Conselheiro Furtado, a proximidade com a região da Sé é perceptível pela mudança na paisagem, com a passagem para um ambiente com edifícios cada vez mais altos, vias e calçadas largas, residências e comércios caracterizando o uso misto da rua



Praça Alveida Junior, próximo ao Viaduto do Glicério.

os conflitos sociais escancaram as tensões presentes no centro da cidade, bem como o abandono do poder público que, ao invés de garantir a estruturação viária e de habitação da região, opta pela garantia da especulação imobiliária e do apagamento histórico local. Esse é um dos trechos mais abandonados pelo setor público de todos os eixos percorridos e que traz mais à tona questões de vulnerabilidade social.

intensificado, e grande fluxo de transportes.

A subida ao centro velho passa pela Praça Doutor João Mendes, área característica do centro histórico da cidade de São Paulo, com suas edificações coloniais, arborização intensa, estátuas de figuras europeias de influência igualmente colonial, e a concretização da narrativa do nascimento da cidade. O espaço



Rua Conselheiro Furtado, com o Palácio da Justiça à esquerda - Sé.



Catedral da Sé vista da Praça Dr. João Mendes - Sé.

da praça materializa também uma grande potencialidade de intervenção e de exposição das narrativas decoloniais do território paulista, utilizando do contraste e do conflito de ideias para avivar discussões sobre o tema.

No centro histórico da cidade, o trajeto segue pela Praça da Sé e pelas vias Rua Quinze de Novembro, Praça



Rua Praça da Sé - Sé.

sem alusão alguma as populações ameríndias que ocuparam esta região em um tempo muito mais profundo.

Ao lado do marco zero, está localizada a Catedral da Sé, uma reconstrução monumental concluída nos anos 60, uma estátua em homenagem ao Padre Antônio de Anchieta com motivos de cenas



Vista da Rua Quinze de Novembro, com o Páteo do Colégio ao fundo - Sé.

Antônio Prado/Avenida São João, cruzando a Rua Libero Badaró até atingir o Vale do Anhangabaú. Esse trecho é marcado pela presença de diversos elementos que rememoram e enaltecem a história colonial e reafirmam a versão de origem da cidade somente a partir da ocupação portuguesa. O embrião simbólico da cidade de São Paulo, seu marco zero, encontra-se atualmente cercado por edifícios e obras que reivindicam espacialmente a origem da cidade,

de catequização em sua base da mesma época, bem como uma estátua do apóstolo Paulo instalada em 2009. Todos estes elementos ilustram essa atmosfera criada em torno dessa importante região da história da cidade e o esforço envolvido em evidenciar esse momento histórico na memória coletiva paulistana, sobretudo no último século. Poderiam ainda ser destacados nesse trecho a presença próxima do Páteo do Colégio, estrutura tomada como fundadora da cidade.

Com relação a ocupação esse trecho se caracteriza pela presença de muitos comércios,



Cruzamento da Av. Líbero Badaró com a Av. São João - Vale do Anhangabaú.



Estátua de Zumbi dos Palmares, na Rua Quinze de Novembro - Sé.

acesso restrito a circulação de veículos, grande movimentação de pedestres no horário comercial e um elevado número de pessoas em situação de rua. Com o piora da economia e impactos causados pela pandemia em um cenário já fragilizado, é notável o aumento nas pessoas que foram levadas a essa situação.



*Edifício Mirante do Vale e Viaduto Santa Efigênia,
vistos do Vale do Anhangabaú.*

indicam um dos potenciais mais destacados para uma intervenção de todo o trecho. Esses fatores influenciaram na sua escolha para o desenvolvimento de uma das propostas de espaços livres que procuram desvelar a população paulistana a presença do Peabiru, apresentadas no tópico a seguir.

O último trecho do eixo e da atividade de campo foi percorrido pelo Vale do Anhangabaú, e posteriormente pela Avenida Prestes Maia até atingir a Pinacoteca de São Paulo. A região do Vale do Anhangabaú, por todo o seu conteúdo histórico, a ausência de uma hidrografia que foi suplantada e as recentes obras de reconfiguração do espaço que visão aumentar atividades culturais e comerciais por um viés unicamente econômico,



Edifícios verticais da Av. Prestes Maia.



O rastro da serpente

Na cosmovisão de diversos povos indígenas, a serpente exerce um papel de extrema importância como uma entidade protetora e forte para a comunidade. Sua associação a grafismos geométricos e padrões gráficos a torna um ser carregado de elementos visuais e ornamentais repletos de significados, impondo respeito e admiração aos seres humanos.

Para a execução de intervenções na cidade, a serpente foi utilizada como meio de representar esse grande ser que se rasteja, deixando marcado o caminho por onde passa, e, portanto, instigando àqueles que não a viram passar.

O projeto

Com base nos levantamentos geográficos, perfis topográficos e visitas de campo, entende-se a complexidade do território paulistano e as suas múltiplas relações sociais e culturais.

A fim de instigar a percepção desses elementos aos transeuntes, é proposto a intervenção a partir da implementação de totens ao longo dos caminhos, trazendo a memória indígena e a provocação de diferentes maneiras de se relacionar com a paisagem.

Propõe-se também três intervenções paisagísticas que abarquem os conceitos de coexistência das diferentes vivências do espaço, com projetos embasados em um desenho de piso que emule em si a ideia da serpente que se rasteja ao longo dos caminhos, levando consigo todos os tempos – passado, presente e futuro do espaço.

A seguir é apresentado um breve descritivo por trás da concepção de cada um dos projetos.

RUA DOS TUPINIQINS



Google Earth

image © 2021 Maxar Technologies

RUA DOS TUPINIQUINS

PLANTA DE SITUAÇÃO

A proposta de intervenção chamado "Rua dos Tupiniquins" divide-se em dois espaços: primeiro, à sudeste, contempla a via exclusiva para pedestres, que liga a Avenida do Oratório à estação Oratório do monotrilho, também utilizado para acessar o transporte público ou para realizar a travessia da Avenida Professor Luiz Ignácio Anhaia Mello, também com acesso à Prefeitura Regional da Vila Prudente.



Propõe-se aqui a colocação de um piso intertravado marcado pelo grafismo da serpente, bem como a realização de intervenções artísticas na empena cega que limita o espaço de passeio.

À nordeste, o segundo espaço está situado na Rua São Gotardo, que faz a ligação entre a Avenida Professor Luiz Ignácio Anhaia e a Avenida Vila Ema, realizando a intersecção em frente ao Parque Vila Ema. Nesse trecho, o projeto prevê a transformação de uma rua residencial com leito carroçável, em uma rua preferencialmente para pedestres, permitindo apenas o trânsito de carros pertencentes aos residentes da via. Além do piso elevado com o grafismo da serpente, há também uma extensão da área verde ao redor da torre do monotrilho, e a colocação de alguns bancos de concreto e madeira.

Aqui propõe-se também a instalação de uma feira de rua que intensifique as relações e apropriações dos espaços públicos de lazer ao ar livre na região.



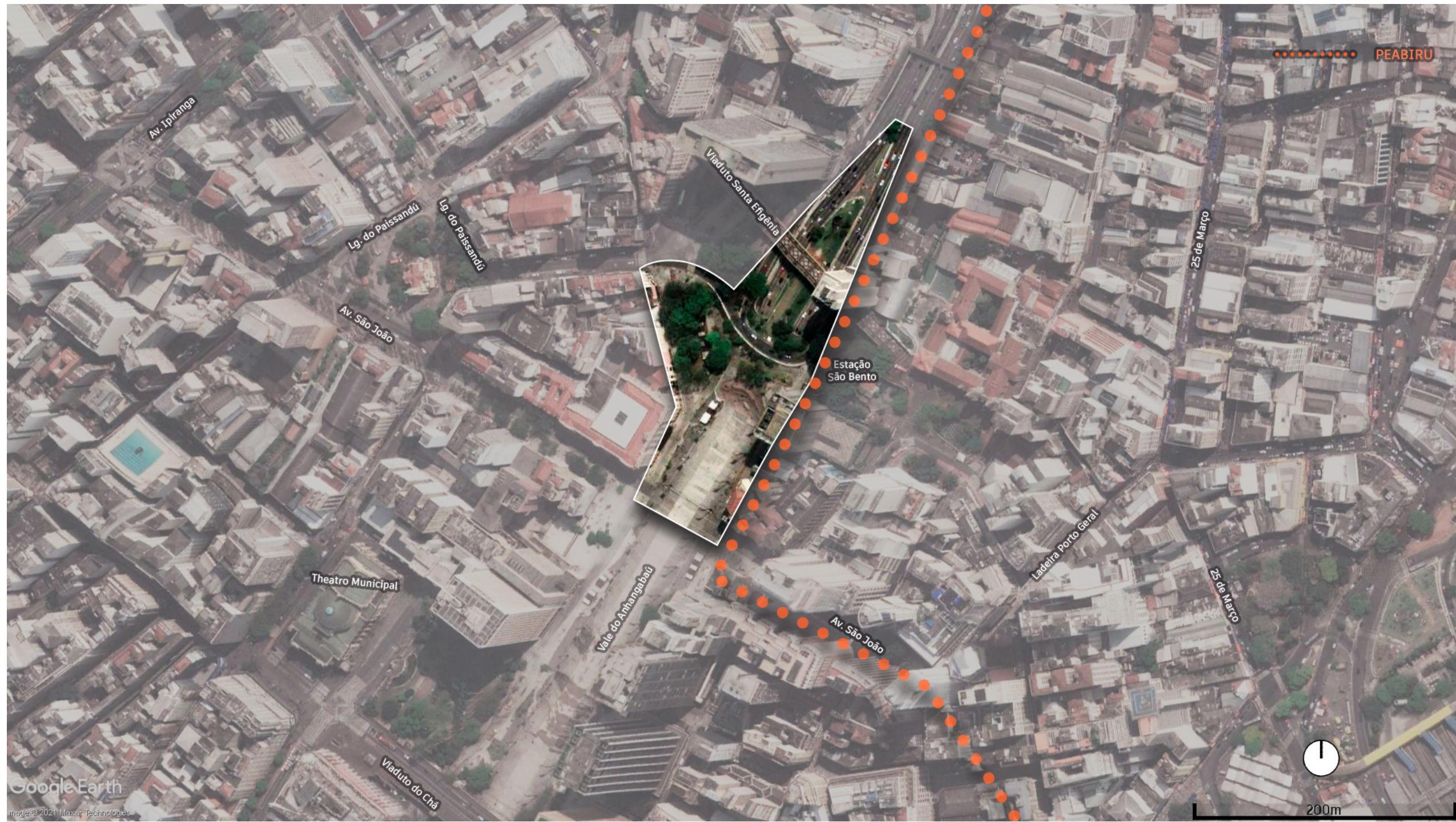


Proposta de intervenção na rua de acesso à estação Oratório, com painel do artista indígena Jairer Esbell na empena cega.



Proposta de intervenção na rua São Gotardo.

CAMINHO DO VALE



Localizado no Vale do Anhangabaú, o projeto tem como finalidade colocar em discussão as obras de "modernização" que têm guiado grandes transformações na paisagem do conhecido centro histórico de São Paulo.



Projeto de "reurbanização" do Vale do Anhangabaú - divulgado pela Prefeitura de São Paulo.

A proposta consiste na colocação do piso da serpente, que se estreita e se alarga conforme o espaço que lhe é oferecido, no trecho em que o caminho do Peabiru atravessa o Vale, de modo a coexistir com o projeto executado recentemente no local.

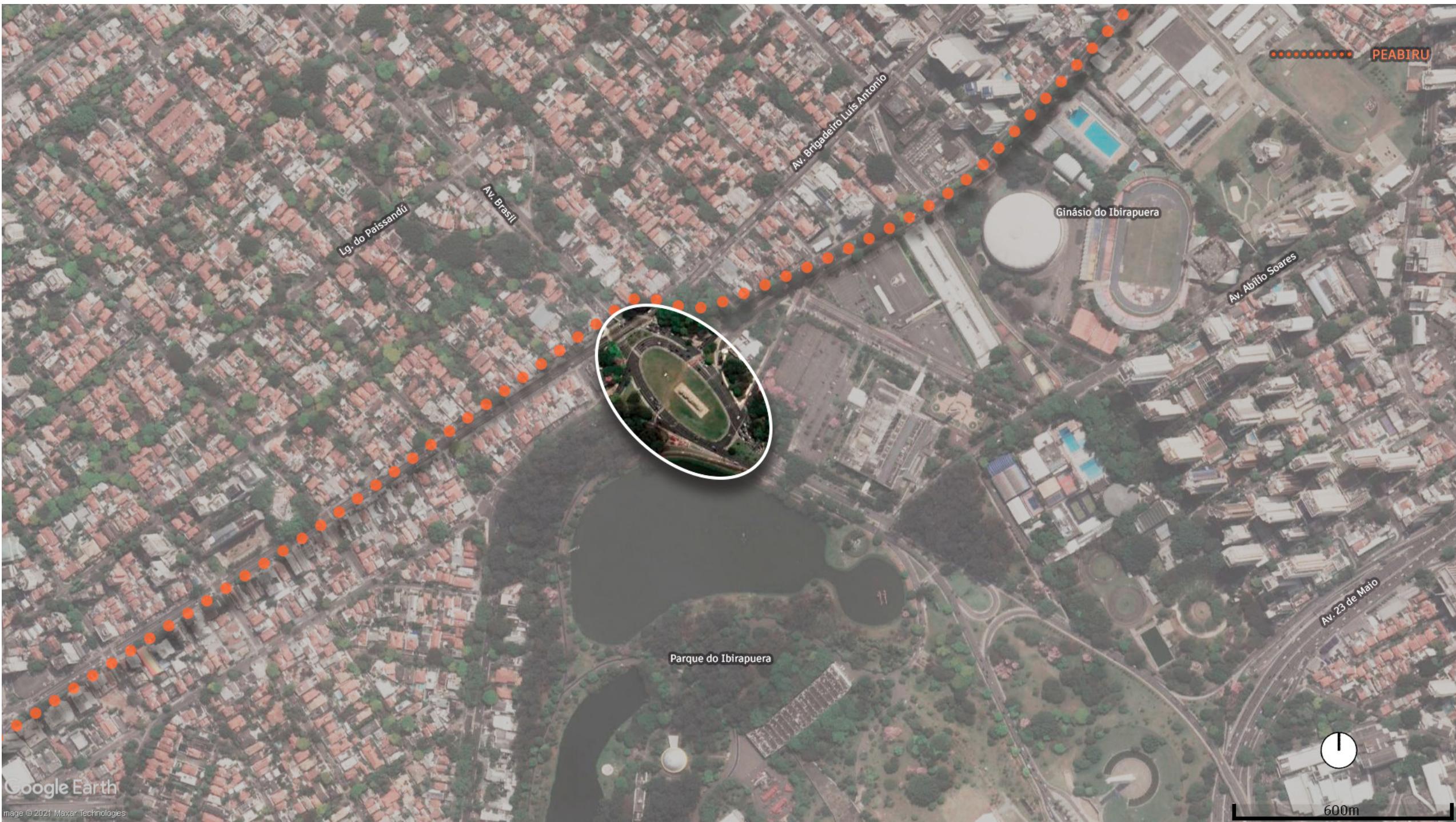
Além do piso, há também a proposta de composição de uma paisagem vegetal mais densa que emule uma pequena mata no meio da cidade, com mobiliário urbano e uma trilha em linha reta, que cruza essa massa arbórea, dando acesso à estação São Bento do metrô.



CORTE



PRAÇA PEABIRU

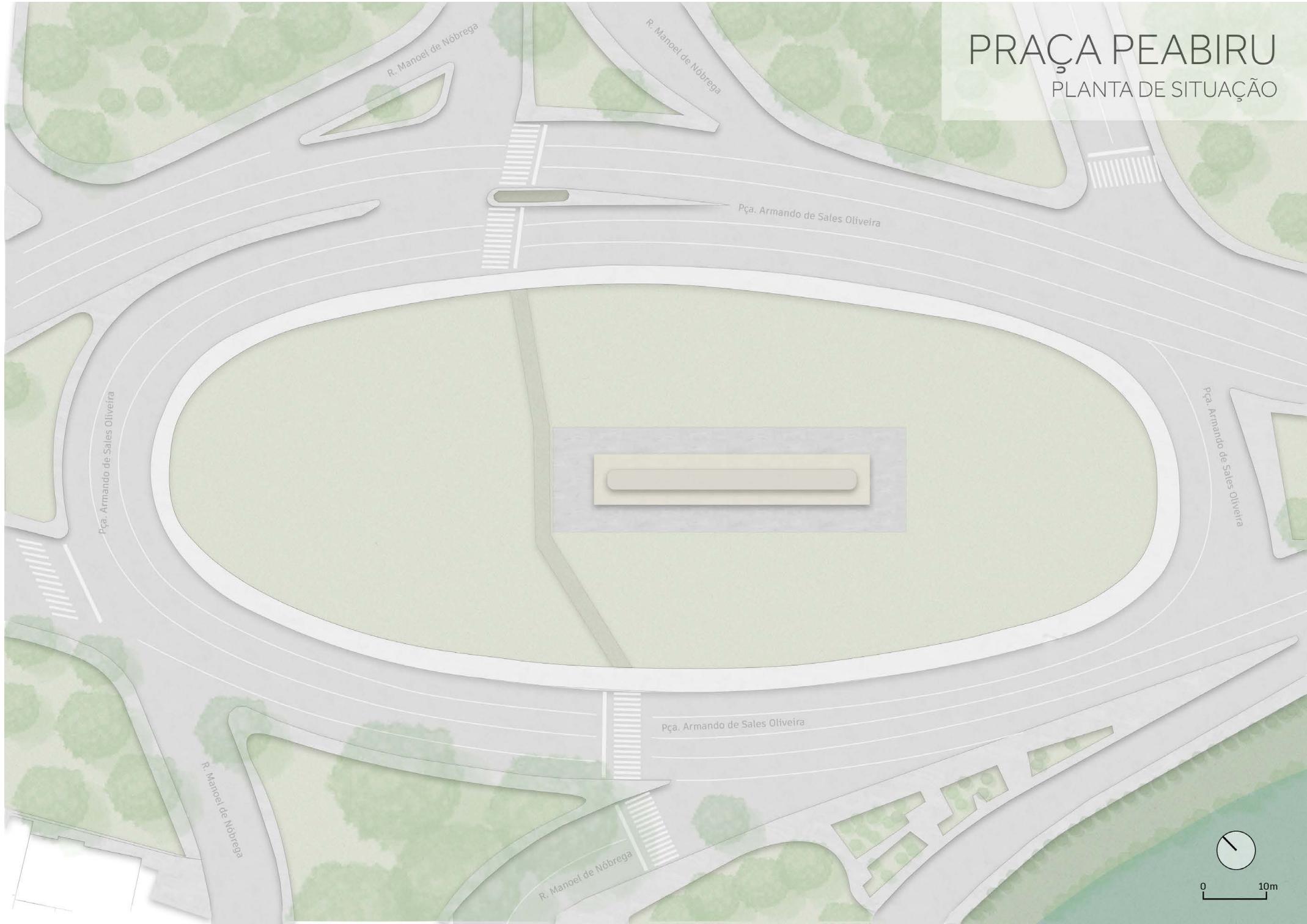


PRAÇA PEABIRU

PLANTA DE SITUAÇÃO

coexistências das diferentes narrativas da história do território e de seu povo. Desse modo, a proposta é transformar a Praça Armando de Sales Oliveira, onde está posicionado o Monumento às Bandeiras, em frente a uma das entradas do Parque Ibirapuera, em um local de discussões sobre apagamento histórico e apropriação do território.

A presença do Monumento às Bandeiras foi um dos principais critérios de escolha da área de intervenção, uma vez que a escultura monumental narra de maneira visual um momento considerado heróico da perspectiva colonial sobre o desenvolvimento do país.

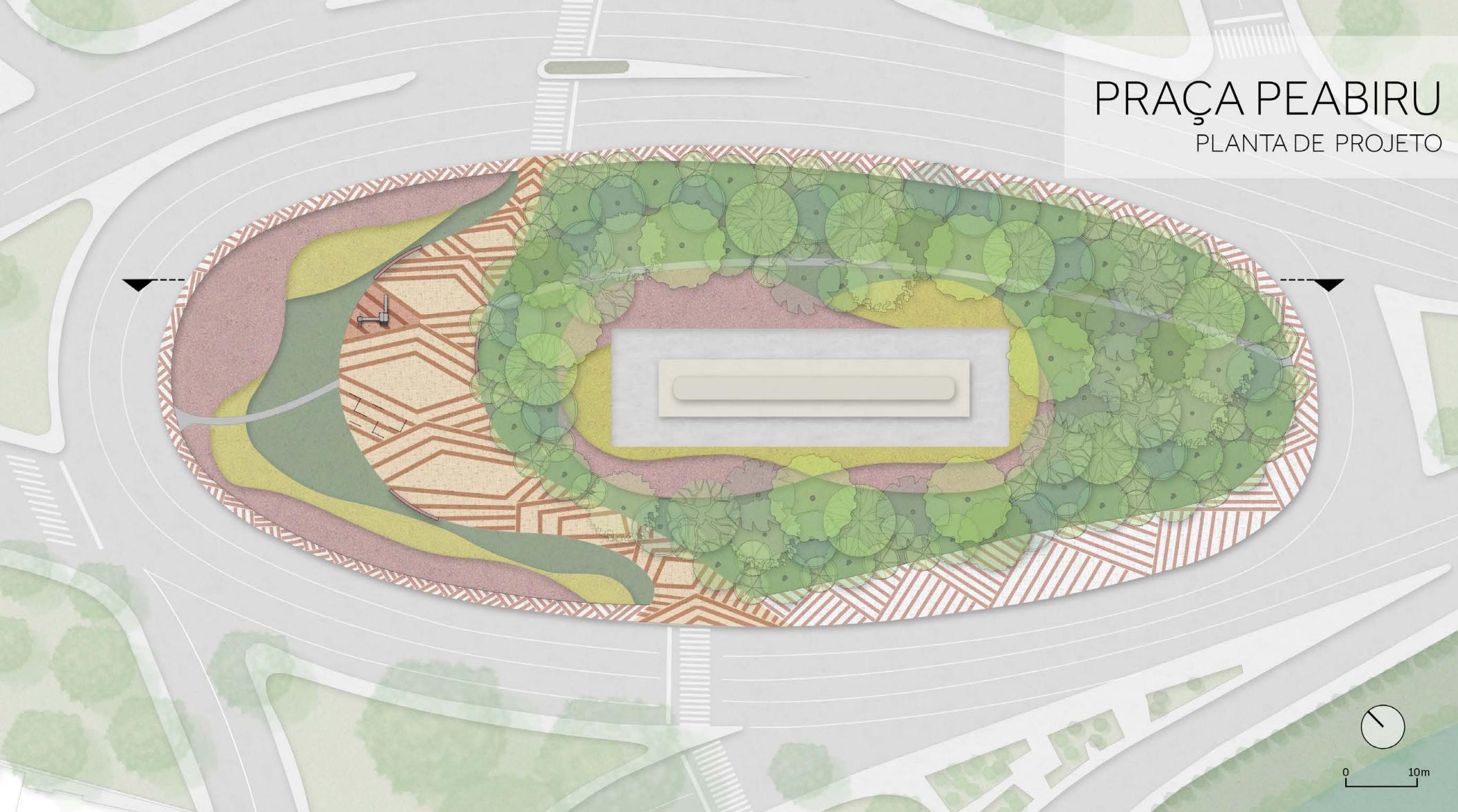


PRAÇA PEABIRU

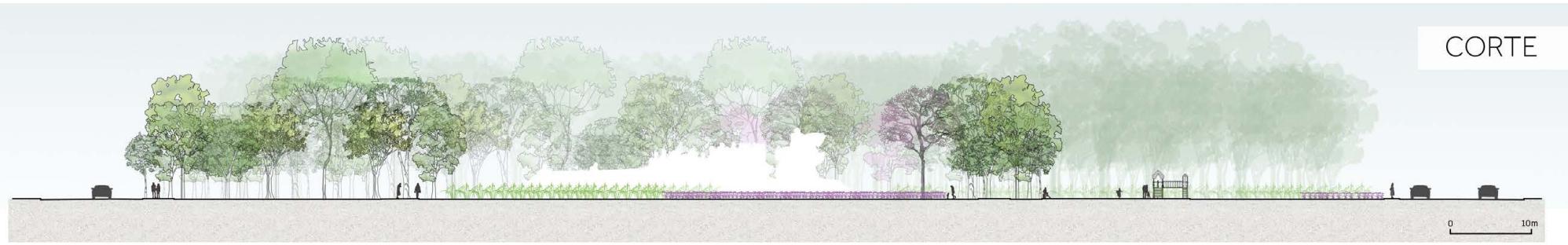
PLANTA DE PROJETO

o espaço, criando uma grande massa de árvores ao redor do monumento, tornando-o “invisível” para quem está fora da praça. O projeto prevê assim uma pequena trilha que adentra o espaço das árvores, e possibilita ver a grande escultura.

Para além dessa área, o piso de serpente se alarga e gera um espaço de permanência e contemplação da paisagem vegetal, bem como de lazer infantil.



CORTE





Vista da Praça Peabiru, com o Ibirapuera ao fundo.

ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS

Nome	Altura (m) / Diâmetro (m)	Detalhe
Helicônia-papagaio (<i>Heliconia psittacorum</i>)	2,0 / 1,5	
Maranta tricolor (<i>Ctenanthe oppenheimiana</i>)	0,40 / 0,20	
Grama-amendoim (<i>Arachis repens</i>)	0,20 / 0,10	
Grama-esmeralda (<i>Zoysia japonica</i>)	0,10 – 0,15	

Nome	Altura (m) / Diâmetro (m)	Representação (planta)	Representação (perfil)	Detalhe
Embaúba (<i>Cecropia pachystachya</i>)	8 / 5			 Flor
Dedaleiro (<i>Lafoensis pacari</i>)	12 / 7			 Flor/fruto
Jatobá (<i>Hymenaea courbaril</i>)	15 / 8			 Flor/fruto
Pau Brasil (<i>Caesalpinia echinata</i>)	10 / 10			 Flor
Sibipiruna (<i>Caesalpinia peltophoroides</i>)	12 / 10			 Flor
Caroba (<i>Jacaranda cuspidifolia</i>)	12 / 10			 Flor/fruto
Cássia-Grande (<i>Cassia grandis</i>)	15 / 10			 Flor/fruto
Pau Ferro (<i>Caesalpinia ferrea</i>)	20 / 10			 Flor/fruto
Mirindiba (<i>Lafoensis glyptocarpa</i>)	15 / 12			 Flor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos assumir como princípio basilar dessa análise que os percursos coloniais se fizeram, sobretudo, sobre caminhos indígenas pré-hispânicos secularmente percorridos por diversos povos e etnias. A experiência dos índios a respeito dessas trilhas e espaços, que articulavam esse território desde muito antes da chegada dos europeus – já tão brilhantemente analisada por Sergio Buarque de Holanda – cumpriu um papel decisivo na forma pela qual os caminhos foram incorporados e transformados conforme novas relações estabelecidas pela situação colonial. Ademais, os grupos indígenas eram uma presença constante ao longo de todo o trajeto, mesmo que muitas vezes silenciada na documentação. Enxergá-los significa perceber, aqui e ali, referências a eles como guias, carregadores, remadores, fornecedores de abrigo, alimentos e auxílio, bem como partícipes do universo de trocas mercantis e relações estabelecidas no caminho.

(VILARDAGA, 2017, p.131)

Compreendendo a influência exercida pelos caminhos indígenas em um contexto pós colonial, reafirma-se a necessidade de, nos tempos atuais, trazer à tona – de forma respeitosa, coerente e crítica – a memória do território e das populações que o habitaram durante séculos.

As grandes dificuldades de levantamento arqueológico, estabelecidas pelo constante processo de transformação da cidade de São Paulo evidenciam as diferentes implicações e desafios marcados por consecutivas sobreposições de momentos históricos que podem coexistir espacialmente, bem como podem sofrer ressignificações e reinterpretações culturais.

A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado. (SANTOS, 2012, p.59)

Dois pontos que são de extrema relevância e carecem de uma maior atenção em trabalhos futuros remetem as diferentes maneiras de evidenciar os indígenas nas narrativas da história do território de São Paulo, reconhecendo as diversas formas de ocupações pré-coloniais, bem como o destaque da forma impositiva com que os mesmos foram realocados e expulsos de suas casas e territórios.

O espaço, portanto, é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. (BUENO et al., 2021, p. 6)

Há ainda hoje uma vasta gama de lacunas geradas pelo apagamento da história indígena em São Paulo, mas que está sendo investigada e questionada cada vez mais. Grande exemplo disso tem sido as grandes intervenções artísticas indígenas na cidade, bem como nas galerias – como o caso da 34ª Bienal de Arte de São Paulo: FAZ ESCURO, MAS EU CANTO.

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um

fetiche; um espaço instrumento de reprodução de vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. (SANTOS, 2012, p.41)

Exercer a arqueologia urbana pode ser uma maneira de se integrar as diferentes intensões e justificativas de ocupação dos espaços na cidade, podendo também reafirmar narrativas mais sensíveis e complexas sobre a história do território paulistano. Abre-se assim a busca no passado por soluções e novos questionamentos à cerca das problemáticas do presente.

Por fim, repensar os espaços livres e, principalmente, as áreas verdes de São Paulo, é reafirmar o direito e a necessidade à paisagem. Sendo intrínseco ao ser humano a necessidade de ver o horizonte e contemplar o que está ao seu redor. Conclui-se assim que, como uma alternativa de reivindicação desse direito, a demarcação dos caminhos indígenas na cidade é uma forma de demarcação do território indígena nos principais eixos dessa grande capital.

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só os humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo o que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular.

Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora. (KRENAK, 2020, p.46)

BIBLIOGRAFIA

- BARCELOS NETO, Aristóteles. A serpente de corpo repleto de canções: um tema amazônico sobre a arte do trançado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 981-1012, maio 2011.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BARRETO, Alice Pereira; DIAS, Guilherme Silvério. Cultura material e práticas sociais no Caminho do Viamão: paisagens toponímicas, arqueologia do cotidiano das viagens, perfil e bagagem dos tropeiros (séculos xviii e xix). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S.L.], v. 29, p. 1-87, 19 fev. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672021v29d1e18>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- CARDOSO, Victor. Peabiru, histórias e plantas. Unesp/rc, [S. l.], p. 1-6, 16 jan. 2019. Disponível em: [unesp/rchttp://www.rc.unesp.br/textos](http://www.rc.unesp.br/textos). Acesso em: 15 jan. 2021.
- CINTURÃO Verde Guarani - Quintas Ameríndias. Realização de Prof.^a Dr.^a Renata Martins (Fau Usp, Coordenadora Jp Fapesp) Prof. Dr. Luciano Migliaccio (Fau Usp) Anna Heloísa Segatta (Fflch Usp) Christian Mascarenhas (Ifch Unicamp) Luís Felipe Clemente (Fau Usp) Grupo de Estudos Abya-Yala Fau. São Paulo: Vídeo Fau, 2021. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oSWgGsqqp2I&t=5709s>. Acesso em: 30 out. 2021.
- CHMYZ, Igor. O fascinante caminho de Peabiru. *Cadernos da Ilha*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 20-23, maio 2004.
- DIAS, Juliana Braz. Histórias contadas: análise de uma experiência entre os anishinabe. *Horizontes Antropológicos*, [S.L.], v. 25, n. 53, p. 257-281, abr. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832019000100010>.
- FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 381-396. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/hist:p381-396>. Acesso em: 30 set. 2020.
- FORTIS, Paulo. O nascimento do desenho: uma teoria Kuna do corpo e dapessoas. Tradução Diego Madi Dias. *Enfoques - Revista dos Alunos do PPGSAUFRJ*, v.12(1), junho 2013. [on-line]. pp. 66 - 93. Disponível em: http://issuu.com/revistaenfoquesufrj/docs/vol12_1, acesso em: 28/09/2021.
- FURQUIM, Laura Pereira. O acúmulo das diferenças: nota arqueológica sobre a relação entre sócio e biodiversidade na Amazônia Antiga. In: OLIVEIRA, Joana Cabral de et al (org.). *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Cap. 2. p. 123-137.
- Guia global de desenho de ruas/ Global Designing Cities Initiative, National Association of City Transportation Officials; Tradução de Daniela Tiemi Nishimi de Oliveira – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

GOLDSTEIN, Ilana. Reflexões sobre a arte “primitiva”: o caso do musée branly. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 279-314, Não é um mês valido! 2008. Anual.

GONÇALVES, Daniel Issa. O Peabirú: uma trilha indígena cruzando São Paulo. In: *Cadernos de pesquisa do LAP*, São Paulo, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/41746011/O_Peabir%C3%BA_uma_trilha_ind%C3%ADgena_cruzando_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 20 jun. 2021.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 14, página 12 - 19, 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2019. 254 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Grandes nomes do pensamento brasileiro – Folha de São Paulo, 2000. 240 p.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 128 p.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 98 p.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? agência e significado nas artes indígenas. In: LAGROU, Els. Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 2009. p. 11-38.

LAGROU, Els. As artes ligando mundos: alteridade e autenticidade no mundo das artes. In: LAGROU, Els. Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 2009. p. 65-76.

LAGROU, Els. No Caminho da Miçanga: arte e alteridade entre os ameríndios. *Enfoques - Revista dos Alunos do PPGSA-UFRJ*, v.12(1), junho 2013. [on-line].pp. 18-49. Disponível em: http://issuu.com/re-vistaenfoquesufrj/docs/vol12_1, acesso em: 20/08/2021.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1995. 300 p.

NEVES, Eduardo Góes. Castanha, pinhão e pequi ou a alma antiga dos Bosques do Brasil. In: OLIVEIRA, Joana Cabral de et al (org.). *Vozes Végetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Cap. 2. p. 107-122.

NISHIDA, Paula. Resgate Arqueológico: Sítio Morumbi. São Paulo: Assessoria e Consultoria S.A, 2009. 67 p.

NOELLI, Francisco Silva. A hipótese sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111642. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111642> . Acesso em: 15 jun. 2021.

QUINTAS AMERÍNDIAS | “Bem Viver/Buen Vivir/Sumak Kwasay”. Coordenação de Profa. Dra. Renata Martins (Fauusp, Coordenadora Jp Fapesp) Prof. Dr. Luciano Migliaccio (Fauusp) Anna Heloísa Segatta (Fflch-Usp) Christian Mascarenhas (Ifch-Unicamp) Luís Felipe Clemente (Fau Usp) Monica Bertoldi André (Fauusp) Rafaela Aranha Marques Campelo (Fau Usp / Pub Amazônia na Fau Usp / Fau Usp na Amazônia) Grupo de Estudos Abya-Yala Fau. São Paulo: Vídeo Fau, 2021. (104 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nANPQys4hCk>. Acesso em: 08 out. 2021.

QUINTA Ameríndia | Arqueologia e Memória Indígena em São Paulo. Realização de Profa. Dra. Renata Martins (Fauusp, Coordenadora Jp Fapesp) Prof. Dr. Luciano Migliaccio (Fauusp) Anna Heloísa Segatta (Fflch-Usp) Christian Mascarenhas (Ifch-Unicamp) Luís Felipe Clemente (Fau Usp) Rafaela Aranha Marques Campelo (Fau Usp / Pub Amazônia na Fau Usp / Fau Usp na Amazônia) Grupo de Estudos Abya-Yala Fau. São Paulo: Vídeo Fau, 2021. (132 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8bOPCLqCbnI&t=5589s>. Acesso em: 25 nov. 2021.

ROCA, Andrea. ACERCA DOS PROCESSOS DE INDIGENIZAÇÃO DOS MUSEUS: uma análise comparativa. Mana, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 123-156, abr. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p123>.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2012. 96 p.

SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados. Canindé, Xingó, n. 2, p. 119-138, dez. 2002.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Arqueología na Terra da Garoa: leituras arqueológicas da grande São Paulo. Revista de Arqueología Americana: Patrón de assentamiento y adaptación al medio ambiente, São Paulo, v. 1, n. 31, p. 289-325, jun. 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45154837>. Acesso em: 04 mai. 2021.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 735-748, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300004>.

VILARDAGA, José Carlos. Na bagagem dos peruleros: mercadoria de contrabando e o caminho proibido de São Paulo ao Paraguai na primeira metade do século XVII. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 127-147, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0105>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/ymksfr69JxCYNdbLvHjFjnN/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Maloqueiros e seus palácios de bairro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista. 2005. 424 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arqueologia, Mae Usp, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 26 maio 2021.

